

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 56
1º de maio de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.

O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.

Por favor não cite nem divulgue este material.

Então vamos lá. Boa tarde a todos, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria começar fazendo algumas considerações que são fundamentais para um bom ingresso no estudo da Lógica — se bem que nós já entramos no estudo da Lógica, mas antes de passar propriamente à técnica silogística (que nós devemos estudar nas próximas aulas), há uma série de providências iniciais que têm de ser tomadas e que são cada vez mais necessárias.

O famoso *Didascalicon*, de Hugo de São Vitor, coloca a Lógica como uma coisa que deveria estar no começo do ensino. Naquela época podia ser assim, mas hoje as condições são muito diferentes: não podemos nos esquecer que aquele público ao qual Hugo de São Vitor se dirigia era constituído de pessoas que compartilhavam uma série de experiências espirituais comuns que constituíam o fundo da sua percepção do mundo. Então não havia muito que discutir ali, havia uma homogeneidade cultural muito grande na época e se estava no coração da Europa cristã — que era a França.

Hoje em dia nós não temos mais essas condições: o fundo de experiência, o fundo de vivência interior e exterior do qual nós partimos é completamente diferente — é muito fragmentado — e, se você tenta construir um edifício de raciocínio lógico em cima desse fundo, você se dá muito mal. Então hoje nós temos que insistir muito mais nos aspectos que dizem respeito à percepção e aos aspectos psicológico e existencial das coisas. Sem isso, o estudo da Lógica arrisca consolidar monstruosidades. Nós não podemos esquecer que a Lógica funciona como na Alquimia funciona o enxofre: Na Alquimia existem três substâncias que são o Mercúrio, o Enxofre e o Sal: o Mercúrio representa aquele fundo caótico da matéria prima que vai ser transformada; o Enxofre é o elemento que fixa e que dá uma forma, formando então o Sal — que seria já o cristal perfeito.

Então a Lógica é esse elemento fixante, estruturante. Mas nem tudo merece ser estruturado, evidentemente: tem muita coisa que teria

de ser dissolvida. Então primeiro nós temos que trabalhar numa esfera, podemos dizer, mais rudimentar e ao mesmo tempo mais profunda do conhecimento humano.

Então eu queria colocar aqui em questão o que é propriamente o pensar — o que acontece quando nós pensamos?

Para isso recolhi uma série de dados aqui que eu tirei de um livro que se chama *Your eternal self* — o autor chama-se R. Craig Hogan. O livro começa com um repertório de dados científicos muito importantes e depois, na segunda metade, ele tira lá umas conclusões teológicas absolutamente desastrosas. Então podemos esquecer a segunda parte, mas os fatos valem por si e nos permitiremos partir deles para tirarmos nossas próprias conclusões.

A idéia do Hogan é fundamentar o conceito da vida após a morte partindo desses dados. Nós não vamos chegar a esse ponto, nem é isso que nos interessa aqui, mas o que nós podemos fazer é ser mais modestos em nossas conclusões — que vamos tirar a partir desses fatos — e adquirir algumas certezas fundamentais que não irão tão longe quanto ele pretendeu ir, mas que formarão a base sólida para o que vai se seguir no Curso. Eu vou ter que ler isto aqui — claro que eu vou colocar o texto traduzido gentilmente pelo Alessandro, e deixarei à disposição de vocês na página do Seminário, mas eu vou ter que ler aqui. A coisa é comprida, mas eu não vejo outra solução senão ler pelo menos alguns pedaços e depois nós deixamos o texto inteiro lá.

Então [ele] começa assim:

“A cada dia cerca de 50 (cinquenta) bilhões de células do corpo são substituídas, o que resulta num corpo novo a cada ano. O corpo é só temporário. Elas não podem ser quem tu és. A cada segundo, 500 (quinhentas) mil células do teu corpo morrem e são substituídas, então nossa conversa terá de ser breve — muito de ti terá morrido antes de terminarmos de falar.

“Com quem estou falando quando falo contigo? Não com teu cérebro, é certo. Ele não passa de uma coleção de gordura e proteína, composta de 85% (oitenta e cinco por cento) de água comprimida dentro do recinto escuro do teu crânio. Entre 50 e 100 mil células cerebrais morrem a cada dia.

“Tu não és o teu corpo. Teu corpo está em constante mudança.

“Stephen Pratt, do Instituto de Patologia da Universidade Friedrich Schiller na Alemanha, assim resumiu a pesquisa a respeito de corpo e mente:

‘Não obstante, todos estes experimentos e descrições dos processos de ativação cerebral não explicam como a atividade neuronal pode ser causa da consciência. De maneira semelhante, todas as

tentativas empreendidas para especificar os mecanismos neurológicos da consciência em termos de processamento neurobiológico de informações e mesmo as teorias sociais da consciência não conseguiram provar essa relação causal’.

“Sir John Maddox, ex-diretor chefe da renomada revista *Nature*, apresentou o seguinte sumário do nosso conhecimento a respeito da consciência, na edição de dezembro de 1999 da *Scientific American*:

‘Ninguém entende como as decisões se formam, ou como a imaginação é liberada. Em que consiste a consciência ou como ela deveria ser definida são outras questões igualmente enigmáticas. Apesar do sucesso maravilhoso da neurociência no século passado, parecemos estar tão longe de entender os processos cognitivos como estávamos há cem anos’.

“Stuart Hameroff, doutor em Medicina e renomado pesquisador de neurociência do Departamento de Anestesiologia do Centro de Ciências da Saúde do Arizona, escreveu:

‘A maior parte das explicações representam o cérebro como um computador. No entanto, ao o abordarem não conseguem explicar por que temos sentimentos e consciência, uma vida interior. Assim, não sabemos como o cérebro produz a consciência’.

“Doutor David Presti, professor de neurobiologia da Universidade de Califórnia-Berkeley, afirmou que:

‘Pouco progresso foi alcançado em entendimento científico dos fenômenos mentais’.

“Doutor David J. Chalmers, diretor do Instituto de Estudos da Consciência da Universidade Nacional da Austrália, disse na *Scientific American*:

‘A consciência, a experiência subjetiva de um eu interior, pode ser um fenômeno que estará sempre fora do alcance da neurociência’.

“Outros pesquisadores relatam que os esforços de localização de memórias no cérebro não têm tido sucesso algum. Karl Lashley escreveu: ‘a memória deveria ser impossível, no entanto ela existe’.

“Brian Boycott afirma: ‘a localização da memória no cérebro parece ser todos os lugares e lugar nenhum’.

“Muitos cientistas estão sugerindo que tua mente não está no teu cérebro.

“Dr. Sam Parnia, médico do Hospital Geral de Southampton na Inglaterra, diz:

‘O cérebro, de fato, não é capaz de produzir o fenômeno subjetivo do pensamento’.

‘Simon Berkovich, professor de Engenharia e Ciência Aplicada do

Departamento de Ciência da Computação da Universidade George Washington, escreve:

‘O cérebro é mero transmissor e receptor de informações, mas não o lugar principal para armazenamento e processamento de informação (i.e., memórias)’.

“O médico Stanislav Grof, psicanalista freudiano e professor assistente de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade Johns Hopkins, resumiu a conclusão a que chegou depois de toda uma vida dedicada a estudar a mente e o cérebro:

‘A minha primeira idéia era de que a consciência tinha de estar conectada ao cérebro. Hoje, chego à conclusão de que ela não deriva do cérebro. Nesse sentido, minha conclusão vem dar apoio àquilo em que Aldous Huxley acreditava: ele chegou à conclusão de que talvez o cérebro aja como uma válvula de redução, a qual na verdade nos protege do excesso de absorção de informação cósmica... Não acho que se pode localizar a fonte da consciência. Estou bastante seguro de que ela não está no cérebro — não dentro do crânio... De acordo com minhas experiências, na verdade, ela estaria para além do tempo e do espaço, não sendo, portanto, localizável. Na realidade, tu chegas à fonte da consciência quando dissolves quaisquer categorias que implicam separação, individualidade, tempo e espaço, e assim por diante. Tu apenas a experimentas como uma presença’.

“Sir John Eccles, prêmio Nobel de Medicina, concluiu:

‘... a mente é uma entidade separada do cérebro e processos mentais não podem ser reduzidos a processos neuroquímicos do cérebro; mas, ao contrário, estes últimos é que são dirigidos pelos processos mentais. E seria possível conceber a existência da mente sem o cérebro’.

“Sir Cyril Burt (eminente historiador da Ciência, este senhor):

‘O cérebro não é um órgão que gera a consciência, mas é um instrumento desenvolvido para transmitir e limitar os processos da consciência e da atenção consciente, de modo a restringi-los àqueles aspectos do ambiente material que são cruciais para o sucesso mundano do indivíduo neste ou naquele momento’.

“Wilder Penfield resumiu suas conclusões da seguinte maneira:

‘... nenhuma das ações que atribuímos à mente foi iniciada por estimulação, por eletrodos ou descarga epiléptica. Se houvesse um mecanismo no cérebro capaz de fazer o que a mente faz, seria de se esperar que tal mecanismo trairia sua presença de uma maneira convincente através de indícios melhores a ser obtidos pela ativação epiléptica ou por eletrodos’.

‘A mente’, escreve ele, ‘exerce seu impacto sobre o cérebro, mas ela não está no cérebro’.

“Pim van Lommel, cardiologista e autor de um artigo da revista médica *The Lancet* (publicado em dezembro de 2001), afirma que:

‘É impossível para o cérebro armazenar tudo o que alguém pensa e experimenta durante a vida. Para fazê-lo, uma velocidade de processamento de 1024 bits por segundo seria necessária. A simples atividade de assistir televisão por uma hora já seria demais para os nossos cérebros’.

“[Pois] para que as memórias pudessem permanecer ao longo de 50 ou 60 anos as células cerebrais teriam de permanecer as mesmas desde o momento quando as memórias foram, assim, criadas, mas isso não acontece, já que as células cerebrais são substituídas regularmente.

“Algumas fontes estimam que de 50 mil a 100 mil células cerebrais morrem todos os dias.

“Dean Radin cita Paul A. Weiss, do Instituto de Biologia Experimental de Viena:

‘E, no entanto, apesar da incessante mudança de detalhe naquela vasta população de elementos, nossos padrões básicos de comportamento, nossas memórias, nosso senso de existência integral como indivíduo, retém suas continuidades unitárias de padrão’.

“Aqui um relato publicado pela agência *Reuters*, em 19 de julho de 2007:

‘O escaneamento do cérebro de um homem de 44 anos mostrou que uma câmara preenchida de fluido chamada ventrículo tomou conta da maior parte do espaço de seu crânio, deixando pouco mais que uma delgada lâmina de tecido cerebral efetivo. Ele era um homem casado, pai de duas crianças e trabalhava como funcionário público, normalmente’.

“As pessoas conseguem ver, ouvir, sentir cheiro, gosto e toque das coisas sem usar o cérebro.

“O governo americano acredita que a capacidade de visão remota existe: por várias décadas, no fim do século XX, a CIA manteve um programa de visão remota, chamado Operação Portal Estelar, o qual tentava empregar pessoas dotadas da capacidade de visão remota para espionar os soviéticos. O programa teve resultados notáveis. As agências do governo encarregaram o Instituto de Pesquisas de Stanford da condução de 154 experimentos, com 26 mil testes separados ao longo de 16 anos. Ao fim desse período de testes, o Dr. Edwin May liderou uma equipe de pesquisadores que analisou os experimentos e entregou o relatório para o governo.

“Eles concluíram que a probabilidade de aquilo que as pessoas dotadas de visão remota descreviam quando se concentravam num alvo colocado num local distante fosse o resultado da mera conjectura era de menos de um para um quintilhão (10^{18})! A única

explicação [possível] era que essas pessoas estavam realmente vendo sem usar os olhos, não importando quão longe o alvo se encontrasse.

“Jessica Utts, professora da Divisão de Estatística da Universidade da Califórnia, no campus da cidade de Davis, preparou um relatório avaliando as provas estatísticas da capacidade de visão remota:

‘A cognição anômala (visão remota) é possível e está demonstrada. O fenômeno foi reproduzido em diferentes formas em vários laboratórios e culturas. Ninguém que tenha examinado o conjunto dos dados provenientes de todos os laboratórios foi capaz de sugerir, até a presente data, que tenha ocorrido algum (presente) problema metodológico ou estatístico e que explicaria, então, os resultados maiores e mais consistentes’.

“Fontes confiáveis envolvidas nos projetos do governo relacionados à visão remota concordam que o fenômeno ocorreu conforme o descrito.

‘Se a pessoa não acredita na realidade da capacidade de visão remota é porque não estudou o assunto’ — General Edmund Thompson, chefe-assistente do Estado Maior do Exército Americano, 1977-81.

“O Laboratório de Pesquisas de Anomalias da Engenharia da Universidade de Princeton começou a conduzir os seus próprios estudos acerca da capacidade de visão remota em 1978. Durante 334 testes, pessoas dotadas de visão remota foram capazes de descrever a localização de uma pessoa em detalhes. A probabilidade de que as descrições resultassem de meras conjecturas era de menos de um para 100 bilhões.

“Os dados que mostram que a visão remota é um fenômeno comum são acachapantes. O significado disto é que a mente não está no cérebro. Ela não está presa na caixa óssea do crânio.

(...)

“Pessoas cegas, cujo cérebro não é capaz de processar imagens visuais, são capazes de ver durante experiências de quase-morte e durante experiências extra-corpóreas.

“Cegos, e inclusive cegos de nascença, são capazes de enxergar durante experiências de quase-morte e experiências extra-corpóreas. Dr. Kenneth Ring, professor emérito de psicologia da Universidade de Connecticut, juntamente com Sharon Cooper, entrevistou 31 pessoas cegas ou com visão debilitada, que passaram por experiências de quase-morte e tiveram experiências extra-corpóreas, e descobriu que 80% (oitenta por cento) delas relatavam experiências visuais, algumas delas com bastantes detalhes.

“Dr. Larry Dossey, ex-chefe de pessoal do Hospital Médico da Cidade de Dallas descreve este caso em que uma mulher cega de nascença

conseguiu enxergar com clareza durante uma experiência de quase-morte.

‘Durante a cirurgia, o coração de Sarah parou de bater. Quando ela acordou, ela tinha uma recordação clara e detalhada da conversação frenética dos cirurgiões e enfermeiros durante a sua parada cardíaca; a disposição da sala de operações, os rabiscos no quadro de agendamento das cirurgias no saguão do lado de fora; a cor dos lençóis cobrindo a mesa de operações; o corte de cabelo da enfermeira-chefe do centro cirúrgico; os nomes dos cirurgiões que descansavam na sala dos médicos no fim do corredor; e mesmo o fato corriqueiro de que a anestesilogista naquele dia havia colocado duas meias diferentes. Embora estivesse completamente anestesiada e inconsciente durante a cirurgia e a parada cardíaca, ela tinha conhecimento de tudo isso’.

‘Porém, o que tornava a visão de Sarah ainda mais incrível era o fato de que ela era cega de nascença’.

Bom, aí é o caso de parada cardíaca. Mas teve caso pior ainda, em que as pessoas relatam também esse mesmo tipo de visões, onde não há — não se registra — nenhuma atividade cerebral. Atualmente o conceito de morte é quando o cérebro pára. Mas, o cérebro pára e a pessoa continua vendo e vê mesmo que seja cega de nascença — aqui tem vários casos. Bom; eu não preciso ler todos aqui.

Ora, bastaria que existisse um único caso desse tipo em que o sujeito cego de nascença, anestesiado e clinicamente morto, enxerga não apenas o que está na sala, mas o que está na sala ao lado e descreve tudo com detalhes — bastaria que isso tivesse acontecido uma única vez para você ter a prova irretorquível de que a relação entre consciência e cérebro não é uma relação de efeito e causa. É alguma outra coisa completamente diferente.

Então, nós temos que, a partir desses fatos — eu acho que tentar provar a vida após a morte com base nesses fatos é inteiramente desnecessário. O que é necessário é entender o que é a sua verdadeira identidade: o que você quer dizer quando fala “eu”. Se a sua consciência não está localizada no seu cérebro, se ela não depende do seu cérebro, e — mais ainda — se ela não depende de espaço-tempo, então nós temos aqui um grave problema: fora do espaço-tempo, qual a referência que eu tenho para poder usar a palavra “eu”, para poder ter uma identidade? Porque, nas condições de espaço-tempo que nós vivemos, nós nos referimos ao nosso corpo — quando eu falo “eu”, estou me referindo a alguém que ocupa um lugar no espaço.

Se você fizer a abstração do espaço, onde está esse centro ao qual você se refere quando diz “eu”? Você não pode dizer que [você] está aqui ou que está lá — então, qual é o foco? Onde está esse foco? (Entende a pergunta?)

Esses dados todos, em vez de resolver alguma coisa, nos criam um problema terrível: nas condições de espaço-tempo em que vivemos, nós sempre temos essa base espacial na qual podemos reportar tudo aquilo que queremos dizer com a palavra “eu”: se eu digo que “eu” fiz isso ou “eu” fiz aquilo, estou me referindo a uma ação que cometi em determinado lugar do espaço e em determinado instante do tempo.

Se eu digo “eu” penso isto ou “eu” penso aquilo, eu sei onde estou quando estou pensando. Quer dizer que mesmo nas ações mais abstratas e extra-corpóreas que você possa imaginar você sempre tem este centro que constitui, então, o pólo de referência da sua subjetividade.

Se a mente é capaz de trabalhar fora do espaço-tempo — e eu creio que estes fatos todos comprovam isso de maneira que seria até estupidez continuar discutindo — então aí nós temos um problema: imagine várias entidades extra-corpóreas — não-corpóreas, não-espaciais e não-temporais — dialogando entre si. Então você tem um “eu” e um “tu”. Mas onde está cada um? Como que eles se reconhecem? No que pode consistir a identidade de entidades não só extra-corpóreas, mas extra-espaciais e extra-temporais? Eu creio que esta é uma das questões mais difíceis, porque por um lado você tem um fato — e o fato não pode ser negado — a idéia de que o cérebro produz a consciência pode ser considerada um simples mito, uma lenda cultural que durou algum tempo e hoje nós temos a certeza absoluta que o nosso verdadeiro Eu não está no corpo — nós temos uma identidade extra-corpórea —, e ao contrário, o corpo parece ser uma parte, ou uma cristalização provisória desta identidade. E este corpo, em algum momento, nós perderemos. Se teremos outro numa outra vida — na ressurreição dos corpos — é uma questão que nós sabemos por matéria de fé, não temos nenhuma prova disso. Mas que temos uma existência extra-corpórea, isto aí não tem mais como negar! E mesmo supondo-se que você venha a ter um outro corpo — mesmo supondo-se a ressurreição dos corpos — há um intervalo: quer dizer, a ressurreição do corpo não pode ser imediata.

Como é que estas entidades extra-corpóreas, não-espaciais e não-temporais se reconhecem — não só umas às outras, como também a si mesmas? A que elas se referem? Qual é a estrutura permanente que elas têm? Porque mesmo que nosso corpo esteja continuamente sendo alterado, mesmo que suas células mudem, a sua estrutura permanece — a sua forma permanece. E esta forma ocupa um lugar no espaço e é reconhecível.

E se nós não tivéssemos essa forma? Vocês conseguem se imaginar num não-espaço e ainda se reconhecendo uns aos outros e se reconhecendo até com mais clareza? Porque a característica dessas

experiências de quase-morte e visão supra-espacial etc., é a extrema clareza, elas não têm nenhuma semelhança com delírios psicóticos, nada disso, é tudo muito claro, muito ordenado e as pessoas relatam que elas ficaram extraordinariamente inteligentes durante esse período — que elas percebiam tudo com uma velocidade muito impressionante, que nas condições normais jamais teriam percebido.

Então, fica aí colocado um problema: nós não sabemos em que se apóia a nossa verdadeira identidade.

Porém, depois de você saber essas coisas, como fica o seu entendimento da frase de Santo Agostinho de que “a Verdade está no interior do homem”?

Quando nós falamos em “interior”, de algum modo nós referimos esse “interior” à nossa corporalidade, até usando a imagem do coração — quer dizer, a Verdade estaria, então, no centro do coração do homem. Mas o coração é um órgão espacial, ele ocupa um lugar no espaço e teria, então, um centro geométrico infinitesimal onde estaria a Verdade.

Mas agora, assim, esse substrato corporal nós jogamos fora. Como a Verdade pode estar dentro de nós numa referência não-espacial? O que significa o “dentro” não-espacial?

É fácil você perceber que se a consciência permanece — e não só permanece, mas se intensifica — então a substância dela é Conhecimento. E, nesse sentido, então, é que Aristóteles diria que “a alma é tudo aquilo que ela conhece”. Ou seja, todos os conteúdos cognitivos, não só acumulados durante a sua vida terrestre, mas adquiridos já no pós-morte através desta percepção instantânea enormemente rica que as pessoas têm nesse estado — tudo isto constitui a sua identidade. A sua identidade é o que você sabe. Essa é a sua única referência.

Ora, e o que você sabe depende apenas de para onde você dirige a sua atenção. Porque, nessa condição, não existe mais obstáculo espaço-temporal ao Conhecimento.

Na vida terrestre, o nosso conhecimento está severamente limitado justamente pelo espaço-tempo. Por exemplo: eu não posso enxergar o que está na sala vizinha. E a condição, por exemplo, da minha memória depende do estado dos meus neurônios etc., e a gente pode decair, pegar Alzheimer etc. Então, nós temos limitações não só à percepção atual, mas também à memória.

Esses obstáculos são, então, retirados. E para onde quer que você dirija a sua atenção, você obtém os conhecimentos esperados. Então, evidentemente, não há limites para o conhecimento que você

pode obter aí. Mas, curiosamente, neste estado a pessoa conserva não somente um foco — que é um foco inespacial, uma espécie de identidade abstrata — mas ela conserva também a sua capacidade decisória, porque “atenção” vem de uma decisão: você não olha para todos os lados ao mesmo tempo e você não percebe tudo ao mesmo tempo. Se você percebesse tudo ao mesmo tempo, a sua nova situação de existência extra-corpórea te identificaria imediatamente a Deus, você se transformaria em Deus, você seria Onisciente.

Mas, nesse estado, ainda há alguma coisa que te separa da Onisciência. E o que é esse algo? É a sua individualidade, que você conserva. E junto com essa individualidade, a sua capacidade decisória, que orienta a sua atenção para isto ou aquilo. Com a diferença de que, na condição terrestre, mesmo quando você concentra a sua atenção em alguma coisa, essa coisa não se transforma (...), não fica translúcida por causa disso. Às vezes você presta atenção em alguma coisa durante horas e não entende nada. Principalmente nesta aula, você pode prestar atenção horas e não entender nada...

Então, no caso da vida extra-corpórea, a atenção e o Conhecimento coincidem — coisa que não acontece aqui.

E, você veja, aquela coisa que Aldous Huxley mencionou, dizendo que o cérebro é uma espécie de “amortecedor”, isto aí coincide perfeitamente com uma lição que nós pegamos no livro do padre Seraphim Rose, um padre ortodoxo que escreveu sobre a vida após a morte. Ele diz o seguinte: “o fato de nós termos um corpo funciona como uma proteção contra a percepção de todo o mundo espiritual que nos rodeia”.

Na prece de São Miguel Arcanjo, o fiel pede proteção contra “os espíritos malignos espalhados pelos ares”. Quer dizer, então o ar está cheio de demônios. E, se, de repente, o nosso substrato corporal fosse retirado, tudo isso se tornaria instantaneamente visível para nós.

Hoje em dia, na Física se acredita na existência de um treco chamado “matéria escura” ou “energia escura”. O que é energia escura? Significa que se você pegar todos os dados, tudo que a Física conhece sobre a composição da matéria, isto não é suficiente para manter o universo coeso nem por um segundo.

Então, sem possibilidade de observação, mas apenas por meros cálculos, os físicos chegaram à conclusão de que pelo menos 95% (noventa e cinco por cento) do universo, onde nós estamos, se compõe de uma matéria inobservável e de energias absolutamente inobserváveis, cuja existência nós somos obrigados a aceitar por efeito de meras medições matemáticas; quer dizer,

matematicamente aquilo tem que existir. O que é o mesmo que dizer que em torno daquele mundo que nós chamamos de matéria — e não falo da matéria corporal, da matéria sensível, mas da matéria que a própria Física Quântica conhece; quer dizer, aqueles mundos infinitesimais de partículas, mesmo levando tudo isto em conta — ainda fica faltando 95% (noventa e cinco por cento). E estes 95% não só estão aqui presentes, como são responsáveis pela coesão dos 5% que nós conhecemos.

Então, nós somos obrigados a concluir que a famosa expressão “espalhados pelos ares” é apenas, digamos, um condensado de alguma coisa que, hoje, a Física reconhece como um fato, puro e simples. Quer dizer que aquilo que para nós é invisível é o responsável pela coesão da matéria visível. Não só visível para nós, a olho nu, macroscopicamente, mas visível até num nível subatômico. Então, estamos cercados de invisibilidade.

Vocês devem se lembrar que, numa das primeiras aulas deste Curso, eu mencionei a vocês que toda a nossa percepção da realidade física é fragmentária. Nós não temos uma única realidade contínua, que nós possamos perceber fisicamente. Todas as nossas percepções são picotadas. Não tem uma que seja contínua.

A nossa memória, também, é descontínua. Quando você tenta se lembrar de pedaços de sua vida, você lembra uma cena aqui, outra acolá. Você não tem (vamos dizer) a “cola”, o elemento de continuidade entre aqueles vários elementos — e, no entanto, você sabe que esta continuidade existe, (e, no entanto, você sabe) que os elementos materiais que você está vendo com os seus sentidos fragmentários não é uma realidade fragmentária: é uma realidade contínua. Nós sabemos, por exemplo, que o planeta Terra não cessa de existir quando nós não olhamos para ele. Quando você dorme, você sabe que vai acordar no mesmo lugar onde dormiu, a não ser que alguém tenha te removido de lá durante o sono.

Ou seja: toda a nossa percepção física do universo depende de uma confiança que nós temos numa continuidade e numa Unidade que não nos são perceptíveis de maneira alguma; mas que são absolutamente necessárias até para que nós possamos ter a percepção fragmentária que nós temos.

E isto, que é uma observação já feita há muitos séculos, por muitos filósofos (há muitos séculos, os filósofos é que insistiram nisso...), todos os argumentos da escola cética são baseados nestes fatos: na descontinuidade das nossas percepções, descontinuidade de nossa memória e descontinuidade da nossa identidade pessoal. Você não vai me dizer que você está consciente da sua identidade pessoal 24 horas por dia — você não está. Você se esquece. Você sonha, por exemplo, que você é outra pessoa, sonha que está em outro lugar, ou sonha que está em dois lugares ao mesmo tempo, e assim por

diante.

Então, nenhum conhecimento que nós temos do mundo interior ou exterior é contínuo, jamais. Nada tem unidade nessa esfera e, no entanto, nós sabemos que essa unidade existe e, se por um segundo, nós chegarmos a acreditar que não há Unidade nenhuma, então todo o conjunto das nossas percepções se estilhaçam imediatamente e tudo vira um caos inabarcável. Ou seja: nós vivemos dentro de um sistema de Unidade e Continuidade que nos é totalmente invisível e inacessível.

Então podemos dizer: ah, então esta continuidade é apenas uma matéria de fé? Nós acreditamos nisso? Eu digo: isso não é possível. Porque fé é algo que você pode ter ou não ter. Crença é algo que você pode ter ou não ter. Nenhum ser humano teve jamais a opção de não crer na continuidade e unidade do Real. Nós podemos crer, digamos, no nascimento virginal de Nosso Senhor Jesus Cristo, podemos crer no Juízo Final. Mas, na continuidade e unidade da Realidade, nós não temos a opção de crer ou descrer. Porque, até para crer ou descrer, você precisa se basear nessa Continuidade. Então isso não pode ser matéria de fé.

Para nós termos as percepções fragmentárias que nós temos é preciso que estejamos assentados firmemente num Senso de Unidade do Real. Este senso não é um conteúdo de consciência — ele pode ficar totalmente inconsciente o tempo todo, mas ele funciona do mesmo modo. Mesmo dentro de certos estados psicóticos extremos, essa Unidade do Real não é negada. Então, para que um maluco suponha que ele é você e você é ele, é preciso que ele continue admitindo que vocês dois estão no mesmo mundo.

Quando falamos, vamos dizer, de estados extra-corpóreos, de experiências de vida após a morte, de Céu e Inferno etc., nós continuamos supondo a unidade do mundo. Não a supomos como uma premissa consciente, mas ela está sempre ali. Ou seja, a Unidade do Real é exatamente aquilo que se impõe pelo meio que eu chamo de “Conhecimento por Presença” — é o conhecimento que não precisa subir à sua consciência porque a sua consciência se constrói em cima dele.

Isso quer dizer que toda essa multidão de dimensões invisíveis e inacessíveis, que costuram e atam o nosso mundo, lhe dando unidade, é uma coisa que aparece tanto nesta análise que estamos fazendo da percepção; quanto na Física Quântica ou nas experiências de quase-morte, percepção extra-corpórea etc.

Não é possível que todos nós estejamos enganados ao mesmo tempo. Nós estamos num mundo de estimulações fragmentárias que é coerido não pela nossa mente, como pretendia Kant — porque Kant admitia que todos os estímulos que nos chegam do mundo são

fragmentários, mas ele dizia: “é a nossa mente que costura isso” — Isso é impossível! Para que a nossa mente faça qualquer coisa é necessário que ela já esteja fundamentada nessa Unidade prévia, senão [ela] não poderia unificar [nada]. Isso seria o verdadeiro milagre dos milagres! Quer dizer: cada cérebro humano teria a capacidade de construir um universo inteiro, abrangendo o visível e o invisível, o sabido e o não-sabido etc. Não! — isto é impossível. É impossível que o meu cérebro unifique informações que ele não tem.

Então, o Senso da Unidade do Real é a base de todo conhecimento possível — desde os conhecimentos mais modestos, desde a mais simples percepção, até as mais complexas teorias científicas. E quando algumas dessas teorias científicas chegam a negar a Unidade do Real, elas o fazem baseadas na Unidade do Real! Por exemplo, o que aconteceu com o famoso “princípio antrópico”?

Princípio antrópico significa o seguinte: para que a vida seja possível neste planeta — especificamente a vida na sua forma humana — é necessário que seja atendida uma multidão de condições, de tal modo que se uma delas fosse diferente a vida não seria possível aqui. Ou seja: para que nós possamos estar aqui na Terra, vivos neste momento, é necessário um universo inteiro! Quer dizer, coisas que estão se passando a milhões de anos-luz de nós, não poderiam se passar de outro modo, porque se passassem de outro modo nós não estaríamos aqui.

Essa teoria jamais foi desmentida. Mas, como bem observou Dinesh D’Souza no seu último livro (que chama-se *A vida após a morte*), muitos físicos admitem o princípio antrópico, mas o odeiam. O odeiam por quê? Porque ele sugere — vagamente — um elemento sobrenatural que está coerindo este universo inteiro. Então, para não admitir isso, eles fazem a hipótese de “universos múltiplos”. Quer dizer: existem vários universos (um montão de universos) e, “por coincidência”, este aqui está adaptado a nós. Só que tem um pequeno problema: nós não temos o menor sinal da existência desses outros universos. Nenhum sinal e nenhum cálculo matemático. Nós não podemos observá-los e também não podemos demonstrar matematicamente a existência deles.

Então, só nos resta o seguinte: nós estamos dentro de um universo que, dentro de si, tem inúmeras dimensões que nos são totalmente inacessíveis, mas que estão presentes e que determinam não só a coesão do universo, mas a harmonia da forma do conjunto desse universo, de tal modo a permitir a vida humana neste lugar do Cosmos.

Ora, se qualquer um de nós pode ter uma dessas experiências de percepção extra-corpórea ou experiência de percepção em estado de quase-morte; se isto pode acontecer para nós em qualquer

momento, significa que nós temos estas capacidades permanentemente. E mais ainda: significa que elas estão funcionando permanentemente. E é o funcionamento delas que permite que nós tenhamos isto que nós chamamos “consciência” num nível corporal. Isso quer dizer que, não só durante a experiência de vida após a morte, mas neste mesmo momento, cada um de nós tem um imenso círculo de percepções e conhecimentos que nos são, na nossa consciência corpórea, inacessíveis; mas que estão aí e que são a base que possibilita a consciência corpórea. Ou seja: cada um de nós é muito maior do que está pensando.

E, aí temos que concordar com Huxley e com o Pe. Seraphim Rose, em que na nossa condição corpórea, nós não agüentariamos ter consciência de tudo isto ao mesmo tempo. Mas esta identidade extra-corpórea continua sendo a nossa, enquanto nós estamos na condição de vida corpórea. Ela está presente. Só que, como diz o Pe. Seraphim, nós estamos “protegidos” desta imensa massa de percepções, justamente, pelo fato de que temos um corpo e um cérebro. Então não é realmente com o cérebro que nós pensamos — é com o cérebro que nós NÃO pensamos. O cérebro é o órgão que limita a nossa percepção, o nosso pensamento, à escala daquilo que nos é necessário para nossa subsistência terrestre. E, de vez em quando, tem uma abertura para algo que vai para além disso — algumas pessoas têm essa abertura por uma experiência, outras têm abertura porque estudaram o assunto e reconheceram que existe. Então, pelo menos isto está acessível a todos nós a qualquer momento: nós podemos estudar o assunto, observar todas as experiências e chegar à conclusão de que não tem outro jeito.

A nossa identidade corporal é apenas um condensado simbólico momentâneo da nossa Identidade. Ela não é a base da nossa identidade. Ela é uma expressão da nossa identidade para uma determinada dimensão da existência que é esta dimensão terrestre. Mas isto também quer dizer uma segunda coisa: se nós somos capazes de reconhecer o nosso próprio corpo — notem bem, eu comecei dizendo que na vida diária nós vemos a nossa identidade através de nosso corpo, nos identificamos com o corpo e acreditamos que nós estamos onde o corpo está. Mas, logo adiante, nós vimos que se não existisse toda a dimensão da percepção invisível, por assim dizer (é uma expressão quase paradoxal — percepção não-percebida), nós não teríamos percepção nenhuma; portanto, também não perceberíamos o nosso próprio corpo ou, pelo menos, não conseguiríamos identificá-lo como nosso. Isto significa que esta entidade extra-corpórea que nós somos consegue se reconhecer a si própria com mais clareza do que nós nos reconhecemos pelo nosso corpo. E até a nossa capacidade de identificar o nosso próprio corpo como nosso deriva disto aí. Estão entendendo?

Muito bem. Numa condição onde você tenha a percepção imediata

das coisas, para onde quer que você dirija a sua atenção tudo se torna translúcido, simplesmente não há tempo para um negócio chamado “raciocínio”. E vocês lembram que — eu expliquei na aula passada — mesmo o nosso raciocínio lógico mais estrito depende de uma capacidade intuitiva, uma capacidade de percepção imediata: se eu faço um silogismo — todo homem é mortal; Sócrates é homem; portanto, Sócrates é mortal —, o que me garante que essas três frases se referem à mesma coisa? Eu não estou pensando as três ao mesmo tempo (eu penso uma, depois a outra e depois a outra). Como é que eu sei que existe uma unidade por trás disso? Esta unidade tem que ser percebida intuitivamente. Então, lembrem o que eu falei das três condições básicas para o conhecimento: a primeira é a evidência, ou seja, a presença imediata; a segunda é a possibilidade da prova, quer dizer, você conectar um conhecimento imediato com outro que não é imediato, mas que se segue necessariamente do primeiro; e a terceira condição é a existência de um nexa entre a prova e a evidência. E é necessário que esse nexa, por sua vez, não seja do tipo “provado”, mas seja auto-evidente. Então: a evidência, a prova, o nexa e a evidência do nexa — sem isto não há conhecimento algum.

Isso quer dizer que aquele “conhecimento discursivo” — “discursivo” quer dizer aquilo que discorre no tempo; discorrer é como “escorrer” no tempo —, que é aquele de que trata o pensamento lógico — se baseia num outro conhecimento, intuitivo e imediato, que percebe a própria unidade do discurso. Mas nós freqüentemente nos deixamos enganar e acreditamos que existem dois tipos de conhecimento: um conhecimento intuitivo e outro discursivo. Não; existe o discurso e existe o entendimento intuitivo do discurso. Ou seja: o discurso, em si, não é Conhecimento. O discurso é um símbolo de um conhecimento que, por sua vez, ou é apreendido imediatamente de modo intuitivo ou não é apreendido de modo algum.

Quando nós estudamos a Lógica, nós estamos estudando o quê? A unidade do discurso. A Lógica inteira não passa disso. Quer dizer: a busca do discurso coerente. O que é coerente? Quer dizer “aquele cujas partes se co-erem”. As partes estão coladas umas às outras — elas não se separam. Se você disse A, você vai ter que dizer B; e se disse B, vai ter que dizer C — e assim por diante até chegar à conclusão última, que estará atada à primeira premissa, inexoravelmente. Então, você entende facilmente que o discurso não é as coisas sobre as quais você discorre. E que, às vezes, pode haver um conhecimento da unidade do discurso sem o conhecimento da coerência dos seus respectivos objetos.

Se você está fazendo um discurso a respeito de elefantes, você precisa ter uma intuição do elefante. Mas você precisa ter uma outra intuição que é a intuição da coerência do discurso que você está fazendo a respeito do elefante. São duas intuições diferentes. E

a conexão entre uma coisa e outra — eu digo, bom... — é um terceiro conhecimento. Porque você tem a intuição do elefante, você tem a intuição da coerência do discurso que você está fazendo sobre o elefante; mas você tem uma intuição de que este discurso se refere ao elefante. Precisa de uma série de atos intuitivos para perfazer isso aí.

Por quê nós temos o pensamento discursivo? Porque nós não temos intuição imediata de tudo aquilo que nós queremos conhecer. Então, eu parto dos dados visíveis, dos dados acessíveis, e os tomo como premissas. E construo um discurso coerente. E acredito que as conclusões desse discurso se aplicarão ao objeto originário, tal como a própria premissa que os fundamenta. Não é isso? Mas vocês entendem que isso é uma maneira muito indireta de conhecer. Indireta e que só traz uma certeza de tipo discursivo; quer dizer, a certeza do seu discurso não corresponde a uma intuição imediata. Mas, se você tem o discurso perfeitamente coerente, você pode buscar a confirmação dele na Intuição. É isso que se faz quando se faz uma experiência científica, não é isso? Ou seja, você parte de algumas evidências sensíveis, que você admite; transforma-as em premissas dum raciocínio; monta o raciocínio; percebe a coerência desse raciocínio; mas, em seguida, você ainda faz uma experiência para ver se essa conclusão, de fato, se aplica ao objeto.

Então isso quer dizer que, em todos esses momentos, o decisivo é sempre o conhecimento intuitivo: não há conhecimento “discursivo” algum. Existe discurso, mas não conhecimento discursivo. Se o conhecimento for meramente discursivo, isto significa precisamente que você não o tem: que você tem apenas o discurso — você montou uma seqüência de frases que fazem sentido.

Isso quer dizer que a nossa necessidade de recorrer ao raciocínio lógico, prova a nossa deficiência. Prova a deficiência do nosso conhecimento intuitivo na condição corporal em que nós estamos. Essas deficiências são justamente aquelas que são removidas na experiência de quase-morte ou de percepção extra-corporal — e é por isso que essas pessoas ficam extraordinariamente inteligentes durante aqueles minutos.

Mas esse estado “extraordinariamente inteligente”, embora nós tomemos posse dele nesses momentos, ele não existe só nesses momentos — existe permanentemente. Se não existisse — se nós não tivéssemos este acesso à Unidade do Real por baixo da nossa consciência — nós não teríamos consciência alguma. Estão entendendo? Então tudo que nós chamamos de conhecimento consciente, de pensamento lógico etc., é uma espécie de versão diminuída do Conhecimento. É aquele conhecimento que nossa parte animal pode ter.

Ora quando você morre, a tua história terrestre não pode

desaparecer: Tudo aquilo que aconteceu não desacontece. Quer dizer, a sua existência terrestre é uma parte da sua identidade — uma parte ínfima. Mas ela está lá. Isso significa o seguinte: se você conduzir a sua vida inteiramente baseado na consciência de existência corporal, na identidade corporal que você tem, você está tremendamente fora da Realidade. E o seu pensamento pode criar tantos monstros, tantas deformidades, tantas coisas impossíveis, que você pode viver dentro dessas coisas impossíveis a sua vida inteira. Aí está a raiz de todas as advertências colocadas por todas as religiões, especialmente pela religião cristã, contra o apego às percepções sensíveis. Porque as percepções sensíveis são uma versão diminuída — diminuída e opaca.

Durante esta vida, [estas percepções sensíveis] são, de início, a única coisa que nós temos, a única coisa que nós sabemos que temos. Se bem que, crianças pequenas têm muito mais facilidade em admitir uma experiência mais ampla do que os adultos. A vida mental dos adultos acaba se tornando, por força das exigências, não só biológicas como sociais, concentrada na estimulação física imediata. De tal modo, que você cai na ilusão que este mundo, físico e imediato, existe por si, E [que] ele é o fundamento de tudo o mais que possa existir em torno — quando a Realidade é exatamente o contrário: o mundo físico, o mundo visível, se sustenta no Invisível. E o que é invisível para nós agora é o que será visível em determinadas condições especiais durante a vida ou — supomos nós — na vida após a morte.

E acontece que se tudo que você fez, pensou, e acreditou durante toda a sua vida está baseado somente neste mundo físico, no mundo corporal, que você toma como o centro e base de tudo, então, evidentemente, você está fora da Realidade e a sua adaptação ao mundo de bilhões de intuições simultâneas será muito precária.

Ora, os focos de interesse que nos mantêm como que hipnotizados no mundo corporal são dois: o Medo e o Prazer. Sobretudo o medo: é o medo que faz com que nós, por exemplo, tentemos acumular um dinheiro para não passar fome na velhice ou conseguir uma garantia contra as crises sociais, ou coisa assim. Isso nos mantém ocupados durante muito tempo. Veja: não é a pressão da sociedade que nos induz a buscar dinheiro, por exemplo — a sociedade não estimula ninguém a buscar dinheiro. Ela simplesmente te impõe um medo. E, ao mesmo tempo, oferece esta defesa, que seria você ter dinheiro. Nenhum de nós escapa disso. Nenhum de nós é totalmente desprovido do medo de ficar sem dinheiro. Eu não acredito que exista, propriamente, um negócio chamado “cobiça”. Se não existisse o Medo, não existiria a cobiça. Por que você iria buscar uma coisa que, em si mesma, não te dá prazer nenhum — embora possa, secundariamente, dar alguns — se você não tivesse o medo da privação?

(O Prazer) por sua vez, eu não acredito que a busca do prazer seja um elemento originário. Eu não acredito que o ser humano tenha nenhum “impulso” da busca do prazer. O prazer é, sobretudo, um alívio. Uma das coisas que você busca no prazer é o esquecimento de todo o sofrimento e de todo o medo. E, se não existisse sofrimento e medo, dificilmente as pessoas procurariam o prazer, porque já estariam satisfeitas e tranquilas.

Então, a existência terrestre é constituída, basicamente, de angústia e medo. Essa é a experiência mais constante. E, em alguns momentos de segurança, onde você conta o seu dinheiro e diz: não, eu estou garantido — pelo menos é o que você acha. Ou você conta, digamos, os seus exércitos, quantos soldados têm à sua disposição — e você imagina que aquilo pode te proteger. Mas o simples fato de você estar fazendo isso já mostra que você está com medo. Em outros momentos, onde você não agüenta nem mesmo isso, você busca, então, o prazer para alívio da sua angústia e do seu medo.

Ora, se a nossa verdadeira identidade consiste mesmo nesta amplitude de percepção incorpórea, imaterial, extra-espacial, extra-temporal; e se o nosso corpo é apenas um aspecto, um condensado terrestre momentâneo disso aí; e se, de fato, todas as nossas percepções são fragmentárias, e nós não temos nenhuma percepção sensível da Unidade do mundo — embora estejamos apoiados nela o tempo todo — então nós temos mais do que uma razão para estar com medo, porque nós estamos, literalmente, como cegos em tiroteio! Quer dizer, o ser humano vive na cegueira, na obscuridade; a não ser que ele tenha uma dessas experiências de quase-morte, ou de percepção extra-corporal, ou que ele tenha estudado e chegado à conclusão de que as coisas são assim. O resto, meu filho, é de fato só medo e angústia.

É por isso que eu não acredito que os famosos pecados capitais existam como forças substantivas. Eles são expressões de alguma coisa muito mais básica. São expressões do Medo e da Angústia, compreendem? Mas, uma vez que você busca um alívio do medo e da angústia na mesma condição terrestre que é a causa permanente do Medo e da Angústia, evidentemente você está se apegando a fantasmas. O prazer, por mais intenso que ele seja, (ele) vai durar dois minutos e vai embora; e todas as defesas que você procura — dinheiro, poder etc. — elas, de fato, aumentam o seu medo.

Quando nós estudamos a vida dos homens mais poderosos que existiram sobre a face da Terra — Stalin, Hitler... — você vê que eles viviam com medo 24 horas por dia, [em estado de] terror pânico. Isso quer dizer que buscar o alívio ou a segurança na própria condição terrestre que se constitui essencialmente de medo e de angústia, é coisa de maluco! Não existe proteção aqui! Não existe, e também não existe alívio aqui. E no entanto, estar aqui, ter a

existência terrestre, significa ser pressionado pelo medo e pela angústia a buscar alívio e proteção nas próprias causas do Medo e da Angústia. Essa é a condição terrestre, que é uma condição terrível se você pensar direitinho! Todos os mandamentos de todas as religiões contra a cobiça, a luxúria etc., vêm disto. Todos eles. E é claro que eles têm um fundamento. Porém, o que acontece?

As religiões se incorporam em entidades, em instituições investidas de uma autoridade. E esta autoridade se torna, para você, uma segunda fonte de medo e de angústia. Estão entendendo? Nesse sentido, meus filhos, a vida terrestre é um inferno! Quanto mais você se apegue aos meios terrestres — inclusive religião, inclusive práticas religiosas — para escapar do medo e da angústia — esquecendo o que é a sua verdadeira natureza — mais angustiado e amedrontado você vai ficar. Daí aquele famoso ditado: “quando mais eu rezo mais assombração me aparece”.

[Por quê?] Porque você está buscando alívio em elementos terrestres — um deles você chama “religião”. Isso quer dizer que todas essas práticas podem se tornar verdadeiramente perigosas. Claro que elas não foram feitas para te amedrontar, nem para te perseguir. Mas, como as religiões não têm só por finalidade lembrar você da sua verdadeira identidade — mas também tem por função manter a ordem social, sustentar o Estado etc. — todas elas são um negócio ambíguo. É uma faca de dois gumes. Então, quer dizer [que] as práticas religiosas são muito boas — se você souber o que você está fazendo lá. Senão, não. Senão, é melhor nem ir. A coisa fica realmente perigosa! Por exemplo, vamos supor que você vai confessar os seus pecados. Ora, os pecados são atos que nos prendem a uma circunstância terrestre imediata e fazem com que nós criemos uma falsa identidade baseadas nessas impressões. E, portanto, nos afasta da nossa verdadeira identidade. Nós perdemos de vista a grandeza do ser espiritual no qual nós fomos constituídos. Quando Cristo diz: “vós sois deuses”¹ — Opa! Esse negócio é sério! Ele não diz como o diabo: “vós sois *como* deuses”². “Vós sois deuses” — quem diz “como deuses” é o diabo; quem diz “deuses” é Jesus Cristo.

Então, nós somos entidades divinas. Nós somos permanentemente, não só naqueles instantes. Aquelas pessoas que tiveram essas experiências têm, por assim dizer, uma evidência direta disso. Nós não temos evidência direta mas, por estudo, e pensando, nós concluímos e falamos: não tem outro jeito, é assim! Não é questão de fé — Fé é outro fetiche que eu vou falar para vocês daqui a pouco. Eu cada vez pego mais horror da palavra “fé”, pelo sentido que adquiriu hoje.

¹ Jo 10, 34 (Sal 81, 6).

² Gn 3,5.

Quando você confessa os seus pecados, você está confessando isto primeiro perante a sua própria alma imortal? Ou perante a opinião da vizinhança? Ou a opinião da autoridade eclesiástica? Se você não se arrepende perante a sua alma imortal, você não pode se arrepender perante Deus. Porque ela é que fala com Deus. É só ela que tem o alcance dessa dimensão. Deus quando olha para nós, ele não está olhando para a sua figura terrestre — ele está olhando o conjunto. Então, quando você confessa — ou interiormente, ou exteriormente —, você só tem que confessar aquilo que te tornou opaco para a sua própria alma imortal. É só isto que é para confessar. O resto é apenas um ritual social de coisas que te envergonham perante a sociedade humana — que é uma das fontes de angústia e medo.

Então se você está se ajoelhando perante aquilo que te amedronta, você está ajoelhando perante o Satanás. O Satanás é isso. É o nosso inimigo, é fonte de medo e angústia. São os famosos inimigos da alma: o mundo, o diabo e a carne. Que é o mundo? É a sociedade, o falatório. Que é a carne? É a identificação com a sua condição terrestre presente — quando você acredita que você é isso aí, que você é o seu corpo. E o que é o diabo? É aquele que quer te matar. O diabo tem duas funções: uma é te enganar; outra é te matar.

Pois bem, se a nossa verdadeira identidade é a de um ser supra-espacial, supra-temporal, aberto ao conhecimento de tudo e, portanto, destinado a viver livre da angústia e do medo — se essa é a nossa verdadeira identidade — então é para com ela que nós temos uma dívida em primeiro lugar. A primeira dívida é para conosco mesmos. A dívida para com Deus você só pode perceber a partir dela. Então, não precisa — e não deve — raciocinar em termos religiosos para entender isso aqui. Nós estamos lidando com fatos e com deduções lógicas inescapáveis.

Repetindo: se um só ser humano, desprovido dos meios de percepção física — [por exemplo,] o sujeito que não tinha olhos — e que durante o estado de experiência de quase-morte ele vê — não só o que está na sala acessível, mas o que está na sala ao lado, coisa que ele não poderia ver se tivesse olhos! — bastaria que isso acontecesse uma única vez para você entender que nós conhecemos e percebemos sem olhos, sem ouvido, sem corpo, sem cérebro, sem coisa nenhuma. E percebemos mais do que percebemos normalmente, habitualmente aqui. Então, é claro que esta é a sua verdadeira identidade — ainda que você se esqueça dela o tempo todo!

Isto é um fato. Até aí não tem mais o que discutir. Qual a relação disto com a vida após a morte? Bom, é uma questão de dedução e você pode aceitar as conclusões ou não. Mas este fato não tem mais como negar.

Mesmo que não existisse vida após a morte — esqueçamos, nós não precisamos abordar por esse lado — a sua verdadeira identidade é a de um ser espiritual capaz de perceber o que quiser perceber e de saber o que quiser saber instantaneamente. E se você chama de Eu alguma outra coisa bem menor, você está se diminuindo, está se aviltando — e nós somos levados a esta diminuição e a este aviltamento pela própria condição terrestre de medo e de angústia, que é permanente. E o medo e a angústia nos fazem buscar o poder — que não alivia o medo de maneira alguma — e o prazer — que às vezes torna o sofrimento pior.

E esta busca do poder e do prazer são coisas compulsivas no ser humano. Mas elas não são originárias — prestem atenção! Se [alguém] disser que o ser humano tem um instinto de buscar o poder e buscar o prazer, eu digo: não, não tem. O que ele tem originariamente é o medo e a angústia. Uma criancinha já nasce com medo, já nasce chorando. E isto nos acompanha a vida inteira — e daí nós inventamos o poder e o prazer, pensando que [vão nos] aliviar, e o pior é que dificilmente conseguimos sair desta prisão. Mesmo quando nós sabemos de tudo isto — eu digo: bom, algumas partes de mim sabem, as partes mais elevadas sabem disso. Mas — isso aqui é importantíssimo, fundamental — é com essas partes mais elevadas que eu me relaciono com os outros? Não.

Então você suponha aqui um círculo imenso, que é o círculo da sua verdadeira identidade. E um círculo menor, que é aquilo que os outros enxergam de você e pelo qual você se comunica com os outros. Se você está se relacionando com uma pessoa que não enxerga a sua verdadeira identidade, não adianta a sua verdadeira identidade falar com ela que ela não vai entender uma linha!

Agora mesmo eu estava ouvindo uma canção — vocês sabem que depois que eu vim pra cá, eu fiquei apaixonado por música *country*, e eu estava ouvindo um clássico da música *country*, cantada pela Dolly Parton — que chama-se *A coat of many colors*. E é uma história verdadeira, aquilo aconteceu com ela quando criança. Ela conta que era muito pobre, e não tinha roupa para ir para a escola quando chegava o inverno. Mas a mãe dela tinha lá um monte de trapos, [então] os costurou e fez um casaco para ela. E ela achou lindo o casaco! E a mãe dela contou que, na Bíblia, José do Egito tinha um casaco assim também, de muitas cores. E ela ficou muito orgulhosa de ter um casaco igual ao do José do Egito.

E, quando ela foi para a escola, as outras crianças riam dela por causa do casaco. Mas ela dizia: eu não entendi por que eles estavam rindo, porque eu estava achando aquele casaco tão lindo, e a minha mãe tinha feito aquilo com tanto carinho para mim, eu estava felicíssima. Eu não me sentia pobre, de maneira alguma.

O que acontecia? Acontecia, então, que o círculo de identidade dela

era um pouquinho maior do que o das outras meninas. Mas ela não conseguia comunicar. Ela só conseguia se comunicar num plano em que elas estavam pegando. Então, uma das grandes dificuldades da nossa vida é você encontrar as pessoas com as quais você possa se comunicar desde a sua identidade maior. Mas isso é raríssimo.

Eu acho que aqui, nos Estados Unidos, é mais fácil. Porque aqui as pessoas são muito religiosas e — olha, eu vou dizer a vocês, desde que eu cheguei aqui eu só vi uma ou duas pessoas mesquinhas. Em geral, o americano não é mesquinho. Ele quer fazer o certo — ele pode ter as idéias mais estúpidas do mundo, pode ser comunista, pode ser obamista, pode ser o raio!, mas ele tem o impulso de querer fazer a coisa certa, e de buscar a coisa certa. Por quê? Ele percebe que existe um algo mais. Ele está sempre consciente deste algo mais, isso faz parte da cultura.

Claro que tem pessoas que já esqueceram disso, estão completamente alienadas; mas, aqui na região onde eu estou, não conheço nenhum. Eu sei que tem. Se você for em certos meios universitários por exemplo você vai encontrar um monte de gente assim. Mas aqui, entre os *rednecks*, não tem. E eu vi que este elemento está totalmente ausente da cultura brasileira. Você não tem referência disso. Então, as pessoas são obrigadas a se relacionar só no trivial e no imediato. Ora, aquilo de que você não fala não volta à sua lembrança. Isso quer dizer que apagar a sua verdadeira identidade, e se relacionar apenas no nível do trivial, corpóreo e imediato se torna, na sociedade brasileira, uma obrigação estrita! Então, por isso que eu a considero uma das sociedades mais infernais do mundo! Se você olhar países muito mais pobres do que o Brasil, você não encontra isso. Eu não vi isso na Romênia, por exemplo — que é muito mais pobre.

Para você ter idéia de como é a vida na Romênia; o pessoal fala de “menino de rua” — eu vi o que era menino de rua na Romênia, porque eram milhares! No Brasil, uma vez contaram os meninos de rua que tinha em São Paulo, uma cidade de vinte milhões de habitantes, tinha oito mil meninos de rua. Dá para botar num prédio. Um prédio bastava para arrumar casa para todos. Mas, na Romênia, você vê milhares de meninos de rua, na rua! E, quando chegava o inverno, aonde eles iam? Eles iam se esconder no esgoto, porque a merda era quentinha. E, no entanto, eu não via este apego à banalidade, apego à vulgaridade imediata que eu vejo no Brasil. Então aí a Dolly Parton tem razão: “você é tão pobre o quanto você se imagina”³.

O elemento que é mais presente na sociedade brasileira não é a

³ *Although we had no money/ I was rich as I could be/ In my coat of many colors/ My momma made for me (...) But they didn't understand it/ And I tried to make them see/ That one is only poor/ Only if they choose to be/ Now I know we had no money/ But I was rich as I could be/ In my coat of many colors/ My momma made for me/ Made just for me.*

pobreza, mas o medo da pobreza. E esse medo é idêntico em todos os níveis da sociedade. E este medo é a coisa mais hipnótica que tem. E algumas pessoas são “dotadas”, digamos assim, com certo talento de criar elementos de poder para construir uma defesa em torno de si — essa defesa, evidentemente, é hipotética, no fundo o sujeito não acredita nela e continua com medo do mesmo modo. Então, o que sobra é tentar esquecer. Quer dizer: você vai buscar alívio, então, por exemplo, no sexo, na bebida, nas drogas, qualquer coisa assim. Então, é simplesmente uma vida horrível.

Você escapar disso sozinho é quase impossível. Por quê? Nós dependemos da nossa memória — quer dizer, das memórias daquilo que nós vimos durante a vida; e aquilo que não vimos, não se incorpora no nosso simbolismo e não se torna transmissível. E se não se torna transmissível, até certo ponto, ele tende a ser apagado como inexistente. Porque não tem validade social. Não tem vigência social. Você não pode falar daquilo.

E se falar, não vai ser reconhecido — como a menininha tentando mostrar que o casaco de retalhos dela era uma maravilha, porque era o amor da mãe dela que estava ali incorporado. Ao passo que os outros casacos tinham sido apenas comprados na loja. Ela não conseguia mostrar isso para os outros. Felizmente, isso se conservou na cabeça dela e, depois, ela compôs essa música. Quando ela compôs essa música — e virou música — daí milhões de pessoas ouviram e falaram: pô, é isso mesmo! Ela conquistou um meio de tornar transmissível aquilo que, quando era menininha, não conseguia transmitir de maneira alguma. Então aquilo se torna realidade, não só para ela, mas como para milhões de pessoas que ouviram a música, porque esse foi o maior sucesso da Dolly Parton.

Eu estou dando este Curso na esperança de dar a vocês uma série de instrumentos para que algo dessa sua identidade maior se incorpore na sua existência social — e vocês possam se comunicar a respeito [disso]. E a consciência da realidade dessas coisas se incorpore em vocês como um dado permanente. E é por isso que eu digo que toda convivência que afaste você disso é perigosa, é nefasta. Mesmo que seja com família. É claro, nós não podemos escapar dessas pessoas. Então, o que nós temos que fazer? Nós temos que, continuamente, quebrar aquele mundinho no qual elas estão. Mesmo que elas se ofendam. Mesmo que fiquem magoadas com você. Você não pode aceitar essa jaula — você tem que quebrá-la uma vez, duas vezes, três vezes, mil vezes. Até que você consiga uma outra convivência com um outro nível.

[Tem que] Dizer: olha, eu não quero ser, aqui, um bicho que está falando de coisas de bicho para outro bicho. Eu sou um ser humano, eu sou uma alma imortal. E eu quero me comunicar nesse nível. E você tem o direito e o dever de se comunicar nesse nível.

Quando pensarem nas recomendações e proibições morais das religiões, lembre-se que tudo é baseado nisto, que tudo tem que ter uma funcionalidade baseada nisto. Senão aquilo vira um fetiche também.

Por exemplo, o sujeito que jamais comeu a mulher do próximo porque nenhuma mulher do próximo seria idiota de prestar atenção nele. E ele acha que está muito limpo, porque jamais fez isso. Ora, o animal pode ser privado de ter acesso à fêmea do próximo. Você prende dois cachorros dentro da jaula, um macho e uma fêmea; eu digo: garanto que este aqui jamais cometerá adultério.

O sujeito, vamos dizer, que é proibido do adultério pela pressão social, está exatamente como o cachorro dentro da jaula. Então, quer dizer que o não-adultério dele não significa nada em termos de alma imortal, absolutamente nada. Ao passo que o outro que cometeu mil adultérios e percebe que, fazendo isso, (ele) está buscando na matéria o alívio do medo e da angústia que a própria matéria causou; esse está no caminho de descobrir alguma coisa muito importante! Estão entendendo? Nada, na religião, tem o sentido [de fiscalização] da sua conduta social. Claro, tem esse sentido também; mas ele é secundário. O essencial é este ponto: quer dizer, não é você fugir dos pecados, mas: por que você foge dos pecados? É este que é o ponto!

O primeiro mandamento diz: “amar a Deus sobre todas as coisas”. Mas, como você vai amar a Deus, meu filho, se você não ama nem a sua própria alma imortal? Você não gosta nem de você mesmo, pô! Você jogou fora tudo que é mais precioso que você tem, para ficar apenas com este elemento que você sabe que é irreal — ele não é 100% irreal, mas é uma espécie de realidade diminuída. Se você se apega na realidade diminuída e joga fora o que o Cristo chama os “tesouros celestes”⁴, aí você é uma besta quadrada mesmo, está entendendo? Isso é realmente muito perigoso. Não só na vida *post mortem*, mas nesta vida mesmo.

Então... Para quê nós precisamos da Lógica? Nós só precisamos dela para reconstruir, artificialmente, o Senso de Unidade que, no curso do pensamento discursivo, se perde. Quer dizer, a Lógica é um instrumento feito para corrigir as deficiências do seu próprio pensamento lógico. Ela não é nada mais do que isso.

Mas não se esqueçam que ela vai corrigir somente o discurso. Então, se você adquire o senso intuitivo da unidade do seu discurso, muito bem. Mas ainda falta uma coisa: falta o senso intuitivo da conexão do discurso com a intuição inicial, que gerou a sua premissa. Então, é por isso que eu acho que, hoje em dia, o estudo da Lógica não pode ser uma coisa inicial. Você tem que reconstruir [toda uma visão de mundo antes disso.] Tudo isso que eu estou

⁴ Mt 19, 21; Mc 10, 21; Lc 18, 22.

falando para vocês, para um aluno de Hugo de São Vitor era o óbvio dos óbvios. Era tão óbvio que eles não tinham palavras para expressar isto. Mas estavam — todos ali — conscientes da sua alma imortal. E conscientes, vamos dizer, como um dado permanente — por que, senão, o que teriam ido fazer num mosteiro?

Então, é claro que Hugo de São Vitor podia começar com um capítulo adiante; mas eu não posso. Eu tenho que colocar toda esta base — existencial, psicológica etc. — para, em cima dela, poder construir um instrumento de pensamento lógico adequado à Realidade. Se você constrói um edifício lógico em outras bases, partindo dum fundamento fictício, que é a crença na onipotência do mundo corpóreo ou do mundo físico, no sentido da Física Quântica, você vai ficar é muito doido, entendem? Porque, se a própria Física está dizendo: olha, aqui nós sabemos algo, um pedacinho, sobre 5% [do universo] — mas nós sabemos que existem 95% que nós nunca vamos saber, [e] cuja existência nós concluimos matematicamente, [e] que é inacessível, não só à nossa percepção, como a qualquer instrumento que a gente possa criar.

Ou seja: o visível bóia dentro do Invisível. E aí voltamos ao famoso tema do *apeirón* — o Ilimitado. O limitado bóia dentro do Ilimitado. O finito bóia dentro do Infinito. E, ao mesmo tempo, o Infinito o pervade; quer dizer, o finito é cheio de buracos, cheio de descontinuidades e não poderia subsistir um único minuto se não fosse, permanentemente, coerido e mantido na existência pelo Infinito.

Este é o fundamento nº. 1 da Filosofia que eu estou tentando transmitir para vocês: a noção do Infinito como o fundamento do finito. Sem isso aqui, nós estamos permanentemente na irrealidade. E não adianta você estudar Filosofia, não adianta estudar Teologia, não adianta rezar o dia inteiro, porque não vai acontecer nada. Mas, por esse caminho aqui, eu garanto para vocês, se vocês estudarem as coisas baseados nisso, vocês estão na Realidade das coisas. E uma das condições para você tirar proveito disso, é saber que, da condição corporal faz parte não somente o medo, a angústia e a busca da defesa contra isso, mas [também] o Esquecimento. E o esquecimento tem uma função fundamental no conhecimento. Aquilo que você, enquanto ser corporal, não consegue lembrar, está presente à sua alma eterna, à sua alma imortal. E você não precisa fazer muito esforço para se lembrar. Porque, nos momentos devidos, a coisa aparecerá de novo. Nada se perde, nesse sentido.

Portanto, a própria angústia da busca de conhecimento terrestre pode ser também um fator de alienação. Então, quando você não consegue alcançar um conhecimento que você quer, pense assim: olha, eu não sei; mas Deus sabe e, quando for necessário, ele vai me dar. Isso cria uma condição de abertura para que o seu ser terrestre afrouxe um pouco os seus controles, deixe uma porta

aberta para que algo que a sua alma imortal sabe, seja sabido também neste plano, na nossa vida terrestre, pelo menos por alguns instantes. Tá? Então, vamos fazer um intervalo.

Então vamos lá: Aqui tem algumas perguntas, mas o Alessandro me lembrou aqui que eu tinha prometido falar do negócio da fé.

A idéia corrente de fé, que existe na nossa cultura, é a idéia criada por Immanuel Kant. E [essa] fé se refere àquilo do qual você não pode ter conhecimento ou experiência de maneira alguma. Então, existe o mundo dos cinco sentidos — que limita a nossa experiência — e tudo que escapa disso aí pode ser matéria de conjectura ou de fé. A fé, portanto, significa: você acreditar numa coisa da qual você não tem a menor evidência.

E note bem: aquilo que, na religião cristã, é matéria de fé é uma coisinha desse tamanho. É muito pouca coisa. O resto é matéria de Conhecimento. Por exemplo, dêem uma lida no livro do Hugo de São Vitor — *Didascalicon*, e vejam que a insistência dele é na busca da Sabedoria, na busca do Conhecimento. E a Fé entra como um elemento do qual você precisa, em certos momentos, para você poder prosseguir nessa busca.

A Fé, sobretudo, vale para os momentos de obscuridade, onde você não consegue enxergar. Você continua tendo fé naquilo que você sabe; mas que não consegue garantir agora. Vejam: se você ler, nos Evangelhos, o relato dos milagres de Nosso Senhor Jesus Cristo, nós perguntamos assim: o cego que passou a ver — antes ele teve fé em que Jesus Cristo podia fazer aquilo. Mas, depois, ele continuou tendo fé no mesmo sentido? Quando o cego é curado e passa a ver, ele continua acreditando nisso por fé? Ou agora ele sabe o que aconteceu? E, no instante em que ele passa de uma coisa à outra, houve um *upgrade* ou não? Ele deveria rejeitar esse conhecimento e dizer: não, eu prefiro acreditar pela fé? É isso que muita gente quer — exige. Pessoas que imaginam até que são católicas, imaginam que estão muito dentro da Tradição Católica. Mas, no fundo, são todos kantianos.

Então você precisa ver [que] tudo isto que eu estou dizendo para vocês aqui, para um aluno do círculo de Hugo de São Vitor era uma coisa auto-evidente. Isto era a experiência diária. Por quê? Porque eles viviam num mundo em que vigorava o simbolismo, em que se acreditava que a estrutura da Realidade é puramente simbólica. Se você perde isso de vista, você não entende “A” do Cristianismo, ou de Religião nenhuma. Hoje em dia as pessoas querem que a gente viva num mundo sem simbolismo, num mundo em que o mundo material tenha uma existência por si mesmo — ele é uma realidade por si, [e] tudo que existe para acima dele é cultural ou, então, é milagre. Assim não dá! Aí os caras estão exigindo mais fé do que é possível.

Agora, você precisa da Fé, sobretudo, nos momentos de Esquecimento, nos momentos em que o conhecimento que você teve, que — nos momentos de abertura que você teve — te foi revelado, te foi dado a conhecer e depois você esquece — você não consegue reconstituir, não consegue lembrar. Aí você precisa da Fé! Agora, aquilo que você sabe, não precisa de fé nenhuma, meu Deus do céu! No momento em que você sabe, no momento em que aquilo está acessível, está ao seu alcance, você não precisa de fé — aquilo é Conhecimento. Você está participando da Sabedoria Divina. Agora, na maior parte dos momentos nós não estamos — nós vivemos no esquecimento, no torpor. E, nestes momentos, você precisa da Fé para continuar.

Com relação à própria noção de “pecado”, vamos dizer: um aluno de Hugo de São Vitor entendia isso de maneira totalmente diferente do que se entende hoje.

Se o mundo corporal no qual você está é apenas um símbolo de um outro mundo, ele não tem fundamento por si próprio — ele existe, claro, mas como Símbolo da dimensão verdadeira. Se você o toma como real em si mesmo, e toma os objetos do mundo material como “alvos” do seu desejo, do seu esforço etc.; você está fazendo buraco n’água. Então é isto o que se chama a Leviandade: no Juízo Final você vai ser pesado e, se você for leve, vai ser jogado no lixo. O seu ser, as suas memórias, etc. e tal, tudo é composto de irrealidades, você ficou correndo atrás de nuvens.

Então, a distinção entre o que é lícito e ilícito, o que é recomendável e o que deve ser evitado, o critério é este. Só vale, só tem importância na vida terrestre aquilo que se reconhece como Símbolo e que está aberto para o Simbolizado. Senão, não! Senão não faz o menor sentido. Embora nós tenhamos que reconhecer que, na condição terrestre, ninguém escapa de “perseguir nuvens”, perseguir miragens — ninguém escapa. Nem os santos escapam. Por quê? Ora, nós estamos presos nesta condição — é aqui que nós estamos. E nós todos somos “bichinhos”.

Por isso é necessário que, em todas as escolhas, você busque aquilo que tem uma repercussão eterna. Busque aquilo que se aceita como simbolismo da Realidade eterna. E tem coisa que não pode servir para isto. Tem um monte coisas prazerosas no mundo que não significam nada! E, no entanto, a busca dessas coisas é compulsiva no ser humano — ele não consegue se livrar, dificilmente consegue.

Você tem que admitir que está numa região intermediária entre a Realidade e a irrealidade. E você está lutando — o que o importa é continuar lutando. Mas, se você entra num espírito de arrependimento material ou de temor material do pecado, você está lascado meu filho! Porque daí você está trocando um pecado por

outro, por outro, por outro... e você não vai terminar tão cedo. Hoje em dia é preciso explicar isso, mas eu creio que Hugo de São Vitor já nasceu sabendo isso!

Quer dizer: a linguagem em que se transmite o ensinamento cristão está atrasada em, pelo menos, quinhentos anos. Ela não acompanhou o que aconteceu. E é por isso que, nos confrontos com os filósofos ateus ou heréticos (e tal), os cristãos acabaram se saindo mal. Eles só tinham aquela linguagem. A linguagem dos escolásticos é perfeita nos seus próprios termos — mas ela é perfeita para quem compartilha desse universo simbólico. Para quem vive dentro disto. Senão, não: você começa a interpretar tudo aquilo no sentido do “material” — e aí perdeu o sentido completamente. Então, se você entende Simbolismo como pura alegoria literária, você acredita que está num mundo que só existem duas coisas: existe o mundo material e existe a cultura. Na hora em que você entrou nisto, todo o universo da Religião perdeu completamente o sentido, e se você ainda tem a cara-de-pau de continuar sendo religioso é por uma espécie de teimosia. Você vai chamar essa teimosia de “fé”. Aí vira, realmente, a superstição — O que é superstição? É aquilo que, quando um líquido decanta, sobra uma coisa em cima; e daí aquilo que sobrou, é espuma. É uma coisa realmente sem peso, você está no mundo da leviandade ainda. E é claro que isso gera muita angústia.

O homem “religioso” que se entrega a isso, sente muita angústia. E como é que ele vai aliviar a angústia? É falando mal dos outros, dos pecadores etc. É isso o que ele vai fazer. Só que tudo isso está dentro do jogo terrestre da coisa. Tudo isso não tem nada a ver com Espírito, não tem nada a ver com Religião, não tem nada a ver com Deus. Absolutamente nada. É um fetichismo mais elegante.

O que nós temos que fazer é restaurar o sentido pleno daquilo que nos foi ensinado. Isso não é trabalho para uma pessoa fazer, isso é para gerações de pessoas fazerem — porque levou séculos para perder e vai levar séculos para recuperar. Mas, cada um faz o que pode.

Aqui, a Celina volta a colocar a questão de por que o homossexualismo é pecado.

Bom, se você ler em Santo Agostinho, ele diz que qualquer atividade sexual feita “por prazer” é pecado, qualquer uma. Como é que isso se lia no tempo de Santo Agostinho, o que as pessoas entendiam então e como é que se entende hoje?

Hoje, evidentemente, as pessoas entendem que, neste caso, só é válido o sexo que você faz a contragosto — que é uma coisa horrível. Então você tem que fazer com a luz apagada, sem nem pensar na pessoa que está ali e que você faz apenas como um “ato

administrativo” necessário para criar — a gerar — outro idiota como você mesmo... Então é assim que se entende hoje! Mas, peraí, é que você está lendo Santo Agostinho já num contexto kantiano, onde tudo é material. Então, você está entendendo o sentido material da coisa. Agora, vamos voltar para o tempo de Santo Agostinho e ver o que se pode entender por estas palavras.

Eu dizia que a busca da segurança, ou do alívio, quando é feita dentro do próprio círculo material, só pode gerar mais dor e mais sofrimento. E ela só pode te afastar da tua verdadeira natureza. Lembram disto? Muito bem. Então, isso quer dizer que qualquer ato humano — em qualquer esfera que seja — só tem validade quando não te prende na irreidade presente; mas ela te abre para a tua verdadeira dimensão. E com os atos sexuais sucede a mesma coisa, ué! Quem está ali fazendo sexo com quem? É o seu corpo com o outro corpo? Só isso? Então não tem diferença entre você e o seu cachorro. Mas acontece que o cachorro é somente um cachorro, e você não é somente isto — quer dizer, o cachorro não tem alternativa. Portanto, os atos sexuais só são válidos quando eles têm a virtude simbólica de representar o verdadeiro encontro entre duas identidades. Isso significa que você reconhece a outra pessoa na condição de medo, miséria e angústia na qual ela está. E você reconhece a necessidade de alívio que ela tem. E você dá esse alívio a ela, de modo que isto não a comprometa, não a prenda na sua materialidade. Então, aí é um ato de Caridade Divina.

Fora disso, meu filho, você está de sacanagem! Você está apenas, digamos, usando o outro como um instrumento do seu alívio material. Isto não é lícito você buscar; mas é lícito você dar. Estão compreendendo? Daí que vêm todas as revelações, e é por isso que Santo Agostinho diz que você fazer sexo “por prazer” é um pecado. Agora, dizer: “ah, então tem que fazer sem prazer?!” Não dá para fazer sem prazer. Porque, em primeiro lugar, existe o aspecto da Beleza, porque a beleza é o que mais nos lembra da verdadeira dimensão das coisas. Quer dizer: a beleza é um sinal terrestre de um mundo maior.

E, se você ler ali na própria Bíblia, vai dizer que “a mulher é o adorno do homem”.⁵ Então, não é possível ele ter esse adorno, sem ele achar bonito. E não é possível ele olhar uma coisa bonita, e não ter prazer. Quer dizer: não vai dar! Então, o que Santo Agostinho está fazendo, não está proibindo o prazer; está proibindo que você busque o seu prazer através do outro. Mas não que você ofereça e que ela ofereça para você.

Ora, você sabe que este tipo de relação profunda só é possível em certas condições. O encontro ocasional não permite isso. Isso só é possível dentro de uma relação de doação completa, onde você não está apenas se aproveitando das circunstâncias para obter o seu

⁵ Pv 12, 4.

alívio, mas onde você completa, por assim dizer, o seu dom de caridade ao outro. Aí sim; é isso o que quer dizer o sexo no casamento. Não está querendo dizer uma coisa institucional, de passar no papel, etc. — não é disso que está falando.

O que significa, também, que nem toda a atividade sexual permite isso. Não é? O garoto que se trancou no banheiro para tocar uma punheta, o que ele espera estar fazendo além de buscar um alívio momentâneo da maneira mais idiota possível? E, no entanto, ele fará isso. Porque o medo e a angústia estão ali presentes, o tempo todo, oprimindo, oprimindo, oprimindo... e ele diz “não agüento mais!” Então, a solução é a seguinte: você, que faz essas coisas, tenha paciência com você mesmo. E comece a ver que, se essas coisas se tornam um hábito, você está se estragando!

(...) então, o homossexualismo seria, mais ou menos, o equivalente a uma masturbação?

Sem dúvida. O homossexualismo é uma espécie de masturbação e nada mais. Masturbação conjunta. Porque, veja: no ato sexual entre um homem e uma mulher, existe sempre a possibilidade da procriação. Aquilo está em aberto. Isso significa, de certo modo, que todas as suas gerações anteriores, desde o começo do mundo, estão ali presentes. E estão se encontrando. Isso é uma coisa de uma gravidade tremenda, se você for pensar bem! Excluído isso, então, vira brincadeira apenas — é apenas o alívio físico. É por isso que a Igreja proíbe você fazer o sexo “trancando” a possibilidade da procriação. A procriação tem que estar em aberto — porque, senão, não é o ato completo.

(...) o preservativo seria uma forma de amortecer isso?

Claro. O preservativo é uma “defesa” contra uma Responsabilidade de Amor que você teria para com a criança que poderia ser gerada ali. Então, de certo modo, é um ato auto-contraditório.

Quem sabe a implicação disso não é que a difusão dos contraceptivos, a popularização deles e, portanto, o grande número de casais que não pretendem ter filhos, isso não preparou socialmente o movimento para o casamento gay (...)?

Eu não sei. Aqui tem uma pergunta se a disseminação dos preservativos não preparou o ambiente, de certo modo, para que, mais tarde, viesse o casamento gay. Certamente sim. Porque uma relação sexual com camisinha é uma masturbação mútua. Ela não tem conseqüências, o aspecto bioquímico da coisa não está presente. É um ato meramente mecânico. Veja: quando o homem tem uma relação com a mulher, aquilo pode provocar, dentro da mulher, uma transformação enorme. Quer dizer: outro ser humano vai aparecer. É uma coisa de conseqüências extraordinárias, dum

ponto de vista até fisiológico — para ela — e de um ponto de vista social e ético — para você. Então, o ato sexual é isto. Se não tem isto, não é um ato sexual.

Tem que estar presente um “risco”?

Sim.

Senão você vai ter 50, 100 filhos?

Bom, eu não creio que isso seja um “risco”. Eu tive oito filhos e nunca me senti ameaçado por isto. Eu, por mim, teria dezoito, teria oitenta! Principalmente com os Rockfeller querendo diminuir a população, então eu gostaria de aumentá-la...

Então, é este o critério. Mas na linguagem moderna, quando você fala hoje “pecado”, “proibição” etc., as coisas soam de uma maneira completamente diferente. Então as pessoas realmente não estão entendendo — não que o ensino da Igreja esteja errado, ele está certíssimo, só que você está entendendo de uma maneira completamente [distorcida, e] a cultura está absorvendo de outra maneira! E, às vezes, até quando os padres começam a explicar, piora o negócio...

Então [eu pergunto a vocês:] Ah, vocês estão cometendo pecado? Eu também; quem não?

E você não vai se livrar do pecado amanhã, você vai ter que conviver com ele. Então, você tem que ter paciência consigo mesmo e se tratar como um professor trata um discípulo: com paciência e firmeza. Quantos anos você tem para aprender isso? Bom, você tem o resto da sua vida. Ninguém está com pressa. Mas eu espero que você aprenda antes de morrer!

E, [retomando,] para muitas pessoas, a busca desse tipo de alívio se torna uma coisa compulsiva. Para umas, permanentemente, para outras, temporariamente. Isso acontece. Agora, uma coisa é você se atormentar por causa disso, porque você [pensa] aquele negócio: ah, agora eu me sinto sujo etc. — [fazendo] isso aí, você está entrando no jogo do demônio, meu Deus do céu! Veja: quando a Igreja Católica diz assim: “a confissão tem que ser sumária” — não é para você dar detalhe. Então, quer dizer: também não é para você ficar curtindo aquilo masoquisticamente. É para passar rápido em cima daquilo e dizer: “perdi meu tempo de novo, caí para a irre realidade de novo” — é disto que você tem que sair, [porque] o arrependimento não é você ficar se atormentando — é você acordar! Você está como hipnotizado, dormindo; agora acordei de novo. Depois caí no sono de novo... É sempre assim. A nossa vida é isto.

Se atormentar demais também não seria um pecado?

Mas claro que é pecado! O arrependimento demoníaco — o Remorso — ele, às vezes, é pior do que aquilo que você fez. Então não se atormente por causa disso, não esquente a cabeça. Eu acho que esse negócio de sexo, hoje em dia, é assim: as pessoas ficam analisando um bicho de sete cabeças. Porque os pecados sexuais são muito visíveis — eles são fisicamente visíveis. Às vezes os outros não são e, então, as pessoas reparam mais no visível — eu digo: você já está caindo na ilusão. Veja: hoje em dia as pessoas desceram ao ponto que elas acham que os hábitos sexuais de uma pessoa são a espinha dorsal da personalidade dela, quando não são, absolutamente! A vida sexual é mesmo um negócio periférico. E é uma das coisas mais periféricas, porque ela está diretamente ligada à continuidade da nossa existência terrestre — nós existimos porque nossos pais e nossas mães faziam essas coisas, veja você! Até eu nasci assim...

Uma vez eu falei isso para um outro cara do movimento gay: olha; o meu pai, um dia, decidiu depositar o seu esperma no ventre da minha mãe — graças a isso, nasci eu. Se ele tivesse feito o mesmo no orifício anal do vizinho, não teria nascido eu, mas aquilo seria depositado num cocô e sairia na privada, na próxima defecada. Se você acha que esses resultados são igualmente válidos, você fala por si, mas não por mim! Eu não acho que é a mesma coisa, está certo? Não acho que têm o mesmo valor as duas coisas.

Ele também nasceu assim!

É o pior, porque o outro também nasceu assim. Talvez ele preferisse ser um cocô... Então, não é a mesma coisa. Homossexualismo não é sexo, não é — ele é uma espécie de masturbação. Você não tem o componente bioquímico ali, não vai acontecer nada, você não vai engravidar o outro cidadão... não tem o “risco” de engravidar, [mas] você está pulando fora da Realidade das coisas, está procurando apenas o alívio mecânico. Bem, é fatal que você faça isso, de algum modo. Mas é um tipo de dispersão.

Eu não vou condenar ninguém, não vou ficar apontando por causa disso — isso seria outro pecado, outra prova de escravidão à matéria. Eu sou um cara absolutamente indiferente à vida sexual de quem quer que seja — o sujeito pode ser o maior veado da paróquia. Para mim, não fede e nem cheira, porque ele tem os pecados deles e eu tenho os meus. Não é porque os pecados são diferentes que eu sou melhor que ele.

Mas, quando a coisa entra no terreno da fofocagem e da intimidação, isso tem um preço. Qual é o preço? Hoje você tem intimidação ao contrário, ué. Não é isso? Agora, acontece que, dos países islâmicos, onde os homossexuais são assassinados todo dia, ninguém fala nada. Por quê? São aliados do movimento gay, então

não pode falar. Quer dizer: você pode assassinar o veado, mas não pode chamá-lo de veado. Não é incrível? Daí você vê a irracionalidade da coisa toda. E esses problemas não podem ser enfocados somente no nível terrestre e sociológico de jeito nenhum. Porque esse nível é irreal em si mesmo. Ele existe apenas como o símbolo de outra coisa.

A relação sexual é o momento em que duas almas completas vão realizar mutuamente o extremo da caridade no nível mais baixo da existência. Como, digamos, o divino descendo para o animal. Olha, isso é um negócio difícil, gente, isso não acontece toda hora, isso dá trabalho, precisa pensar um pouco. Agora, o sujeito acha que tocando punheta ou indo para o homossexualismo vai resolver isso, não vai resolver nada! É fazer buraco n'água. Agora, fazer buraco n'água é a nossa principal ocupação terrestre. Porque a existência terrestre se constitui dessas coisas. Ela é um negócio perigoso.

Então vamos ver [aqui:] Leonardo Batista dos Santos:

Eu tenho apenas duas perguntas, mas uma não tem nada a ver com a outra.

Também não tem nada a ver com a aula. Ele pergunta:

Qual é a origem do anti-semitismo?

É (como) a origem de qualquer outro “anti”-qualquer coisa, está certo? Você tem uma guerra entre etnias, uma guerra cultural. Então, você não gosta do seu inimigo, gosta?!

Agora, no caso cristão, você não pode esquecer que, de acordo com a profecia, os judeus têm uma função essencial a ser desempenhada no fim do mundo, [uma] função importantíssima. Por isso mesmo, como disse o Papa Gregório⁶ — acho que Gregório VIII — é nossa obrigação proteger os judeus e assegurar que eles possam continuar vivendo com os seus costumes ancestrais, seguindo lá a lei de Moisés do jeito deles. Se você não puder convertê-los, você tem que protegê-los. Não é para sacanear jamais. Os cristãos católicos têm uma obrigação para com os judeus, e têm que cumprir.

Então, ou o sujeito [se] converte agora, ou na véspera do Juízo Final ele vai [se] converter. E vão ter uma função essencial, são eles que vão salvar a Igreja. Então gente, vamos cuidar [, porque] nós precisamos deles. Temos a obrigação de cuidar como se cuida de um avô — os judeus são nossos avós.

É por isso que, dentro da Igreja, sempre houve esses dois aspectos — você sempre teve dentro da Igreja uma corrente anti-judaica e uma pró-judaica — sempre, a vida inteira; porque uns olham por um

⁶ Constituição *Licet perfidia Iudaeorum*, 15 set. 1199.

lado — não, eles rejeitaram Cristo, eles são contra nós, se aliaram com os romanos e com os muçulmanos para nos sacanear — e a outra lembra da obrigação que você tem. E as duas coisas aconteceram: por um lado existe uma briga, mas, por outro lado, você tem a obrigação de protegê-lo. Isso sempre foi [assim,] você sempre vai encontrar, dentro da Igreja, (o que chama) os “anti-judaicos” e os “judaizantes”.

Aqui, Keith Richard da Silva pergunta:

O advento dos estudos do simbolismo por volta do início do século XX, identificado pela Suzanne Langer em “Filosofia em nova chave”, oferece possíveis saídas para transpor a confusão que temos entre a imagem do pensamento antigo e moderno? Caso sim, alguns intelectuais — muitos mencionados por você — já saíram pensando a partir desse ponto de superação dos graves equívocos gerados no período conturbado que você analisou?

A resposta é sim, em dois casos. A recuperação — não só do simbolismo, da linguagem simbólica, mas da concepção da Realidade como símbolo — é a primeira coisa que tem que ser feita. Fora disso, não existe Religião, não existe Cristianismo, não existe nada. Existe um simulacro kantiano.

Vamos à segunda pergunta do Leonardo Batista dos Santos, que eu esqueci:

Após começar a ler as “Reflexões autobiográficas” de Eric Voegelin, nesse livro eu pude perceber que o itinerário intelectual que Voegelin percorreu é praticamente o mesmo que o senhor nos faz trilhar por este Curso. É isso mesmo ou estou voando?

Não, você não está voando, mas isso não é tudo.

Por quê? O ponto de vista do Voegelin começou com o negócio da “História das idéias”. E, embora ele tenha superado a noção de “História das idéias”, ele sempre ficou dentro disso. Quer dizer: o Voegelin não trata de questões metafísicas — ele pula fora de questões metafísicas. E isso quer dizer que o tratamento que ele dá, por exemplo, aos fatos de ordem religiosa, evitam discutir a veracidade ou a falsidade das religiões. Ele sempre pula fora disso. E eu não pulo. Então de certo modo, tudo que o Voegelin escreveu é importante, e eu procurei absorver tudo. Tudo é muito valioso — enormemente valioso. Mas não basta.

Por exemplo, existem muitas discussões sobre [se] o Voegelin é um filósofo cristão ou não? Bom, pela obra do Voegelin não dá para você resolver isso aí — não dá para saber isso aí — tá certo? Mas, do meu ponto de vista, a gente tem que decidir isso aí. Eu, pessoalmente, não me considero um filósofo católico; mas um

católico filósofo.

O que é um filósofo católico? É um sujeito que raciocina sempre a partir da doutrina. E eu não raciocino a partir da doutrina, de jeito nenhum. Por quê? Porque eu não tenho a certeza de compreender a doutrina. Eu acho que a compreensão da doutrina não deve ser o começo da coisa, mas deve ser o fim — eu suponho que a doutrina cristã seja uma coisa mais elevada do que a minha filosofia. Então eu faço o possível para eu chegar lá algum dia. Não para partir dela, mas para chegar a ela. Inspirado, sobretudo, em Clemente de Alexandria, que diz que “a filosofia é o pedagogo que conduz ao Cristo”.

Agora, se você parte da doutrina católica, e vai raciocinar a partir dela, então você é meio teólogo — e eu não quero ser teólogo, eu quero fazer outra coisa. Eu estou usando todo o arsenal filosófico que eu posso para ver se algo da doutrina eu entendo. E aquele pouco que eu entender, eu gostaria de transformar aquilo na minha personalidade — eu gostaria de incorporar e ser aquilo de maneira viva. Mas se é só um pedacinho que eu compreendi, é só um pedacinho que eu posso ilustrar.

Então, eu não estou comprometido a sempre raciocinar a partir da doutrina. Porque se eu for fazer isso, [aí eu perco] a liberdade de movimento.

E, se estiver consagrada uma interpretação errada da doutrina — não por intenção errônea dos teólogos — mas por fatores culturais que os envolvem, e que às vezes eles mesmos não percebem, daí estou eu lascado seguindo eles. Você não pode esquecer que toda essa porcaria que aconteceu com o Concílio Vaticano II foi obra de teólogo, de gente que lê a doutrina 24 horas por dia. Então, eu gostaria de não ter nada a ver com isso.

E também, se você raciocina a partir da doutrina, é obrigado a tomar posição sobre coisas que você não está compreendendo. E isso é uma coisa que eu realmente não gosto de fazer.

Ana Regina Guimarães Bouças. Uma pergunta importantíssima:

O que pode ocorrer a uma pessoa no estado abaixo descrito?

Por exemplo, uma pessoa que tem o raciocínio intuitivo, percepção a uma velocidade de 400 por hora, mas a sua capacidade motora é de apenas 100 por hora. Haverá nesse momento um “gap” que, desse modo, gera muita ansiedade na pessoa que tenha esse tipo de experiência.

Este é um dos grandes problemas nesse aprendizado: saber coisas que você não vai poder dizer. E que o seu próprio cérebro não

acompanha. E que você, em seguida, perde. E aí você precisa da Fé: a fé em que aquilo que você soube está lá — é a Realidade, mesmo que você não lembre. E também você precisa da fé para aceitar a sua condição material de bichinho impotente de acompanhar essas coisas. Quer dizer: você pode ter acesso, pode ter momentos onde você percebe uma outra dimensão e entende um monte de coisa — e depois aquilo some. Daí, quando some, este não é [mais] o momento da Revelação — é o momento da Fé. Nós vivemos entre estes dois momentos.

Então, a fé é quando você não sabe, mas sabe que aquilo existe. E a fé implica, também, a paciência e a submissão à sua condição temporal — a aceitação da condição temporal. Porque se Deus quisesse me fazer ver tudo isso de repente, Ele faria. Se Ele não faz, é porque eu não tenho envergadura para isso. E, se eu não tenho envergadura para isso, para que eu preciso saber tudo? A aceitação da sua ignorância, da sua fraqueza, da condição corporal é uma forma de adaptação, muito correta, do seu ser corporal à figura maior. Quer dizer: existe, entre a sua identidade corporal e sua identidade efetiva uma relação de semelhança e diferença — que é a Analogia.

Por isso mesmo que eu digo: o corpo — a existência corporal — é um Símbolo da outra existência. Então, como símbolo, ele tem algo dela; mas ele não é ela — existe uma tensão de semelhança e diferença. E nós vivemos nessa tensão.

Então, o desejo do conhecimento pode se tornar uma perversão, na medida em que você não aceita o esquecimento, não aceita a sua fraqueza e, portanto, você não tem fé — e daí você vira um gnóstico, porque você quer o conhecimento, quer o domínio completo da situação. E nós não podemos ter isso: Na maior parte dos momentos, nós temos o que? A Fé, apenas. A fé é uma coisa que você sabe e que pode até ser provada, mas que escapa da sua capacidade num certo momento.

Quando Pitágoras quando nomeou a Filosofia de *filosofia*, foi isto que ele quis dizer — nós não seremos sábios nunca, nós apenas amaremos a Sabedoria. E, em certos momentos, ela se abre a nós; em outros momentos, nós a perdemos. Mas nós continuamos confiando nela no instante em que nós a esquecemos. Agora, se a sua ambição de conhecimento se sobrepõe a isso, então, aí você virou um gnóstico mesmo.

Mas existe o sábio ou isto é só uma imagem pela qual a gente se <guia?>?

Sábio é Jesus Cristo. A Sabedoria é divina, não é humana.

Cronos — isso aqui é um pseudônimo?! Ele mesmo diz “pseudônimo,

espero” (risos). Foi o Alessandro! (risos):

É possível que esse canal da visão remota tenha sido ativado de maneira estabilizada naquela menina sem pupilas, que passou a ver por intercessão do Padre Pio?

Muito provavelmente! Muito provavelmente foi isso o que aconteceu.

Marcos Mariz:

Diante dessa ótica da verdadeira identidade do ser humano, como fica a questão do Inferno?

A palavra correspondente a “inferno” quer dizer: “inferior” — é uma forma de existência diminuída.

A maldade (ela) tem substância ou ela é a ausência da substância, alguma coisa assim?

Segundo Santo Tomás de Aquino, “todo mal é uma ausência” — todo mal é uma privação. À luz dessa explicação aqui você entende que realmente é assim, porque o ser humano tem uma verdadeira natureza. Essa natureza é permanente, é imortal, transcende infinitamente o seu círculo de existência corporal e é uma coisa que você não pode rejeitar — você não tem como rejeitar. É por isso que a Igreja diz que “aqueles que vão para o Inferno, vão por escolha própria”. O Monsenhor de Ségur, num livro que se chama *L'Enfer*,⁷ que é um livro importantíssimo, de cinquenta páginas, relata vários casos de pessoas que, depois de mortas, apareceram para outras e disseram: olha, eu estou aqui no Inferno por uma sentença justa de Deus.

Quer dizer: o condenado ao Inferno não se rebela contra a sua situação: ele a aceita. O que significa que essa diminuição foi, de certo modo, voluntária — se mantida até o fim.

Seria uma ausência de substância, mas que tem uma representação substantiva também, que seria o Inferno?

Sim.

Aqui, Beto Moraes:

Qual é o papel e a importância da dor física para a experiência do medo?

É fundamental. Nós já nascemos sentindo dor física. Você já viu um bebê? Bebê passa o tempo todo angustiado — se ele não está com

⁷ Ed. Jules Hovine, 1876, 64 p.

fome, ele está com sede; se ele não está com sede, ele não consegue fazer cocô, é uma coisa horrorosa, pô. Quer dizer: a existência física é uma miséria, de algum modo. Mas ela não pode ser rejeitada, porque é uma condição que nos foi imposta, por um motivo que a gente não sabe hoje. Por que a gente não poderia ser logo esta criatura maravilhosa, completa? Eu não sei o porquê, eu não tenho resposta para isso. Mas nós temos o fato. E, se você rejeita o fato, se rejeitar a existência física, está rejeitando a própria estrutura da Realidade, porque é a condição real na qual você está. Então, a nossa atitude perante a existência física tem que ser uma relação de plena aceitação; mas, uma aceitação de tal modo que te liberte dela, em que você não fique preso totalmente a ela: libertar completamente só na morte.

É um jogo dialético muito sutil, porque se você parte para a rejeição da existência física, isso aí é o gnosticismo. O gnosticismo é uma revolta contra a existência física e uma tentativa de obter um estado de controle cognitivo da Realidade inteira em vida — isso aí não faz sentido.

Miriam Macedo — ela cita uma frase do *Isa Upanishad*: “há mundos assombrados pelos demônios, regiões de absoluta escuridão” — daí ela pergunta: *matéria escura*?

Certamente isto também está lá. Quer dizer: o que os caras [os físicos] chamam de “matéria escura”, eu não digo que seja inteiramente a região dos demônios; mas, em parte, tem que ser necessariamente.

O Weber pergunta:

A percepção da presença total se faz por meio da abertura para a alma universal?

Não só dela, tá certo? Tem uma série de condições intelectuais que você tem que preencher para isto — tem muito estudo, muita meditação atrás — e daí um dia você realmente se abre para isso. Mas nós não podemos permanecer abertos a isso — o nosso cérebro não agüenta.

Porque você vê que o cérebro não é o órgão pensante; ele é o órgão do não-pensar, você está entendendo? Ele é aquilo que tranca o seu pensamento para permitir a continuidade da sua existência física.

E, se não estiver preparado, ele pode se abrir para coisas ruins até, não é?

Claro. Se você não estiver ali bem afinado, a sua percepção vai ser somente de demônios — inclusive, nas experiências de quase-morte, tem gente que relata experiências terroríficas ali. E você está

aberto para o que der e vier, não tem controle do que vem. E, como nós não temos controle, daí a importância extrema de você, humildemente, se adaptar a isto.

Alguém me pergunta aqui... João Sérgio:

Esta é a minha primeira aula ao vivo. Assisti à primeira aula, gravada, e fiquei ciente do exercício do necrológio. A esta altura do Curso ainda é necessário fazer o exercício e enviar? Ou não faz mais sentido desenvolvê-lo?

Não, o exercício do necrológio não é para você me enviar. Ele não é para mim, é para você mesmo. E você tem que fazer várias vezes. O necrológio é essencial para quê? Para que você aprenda a se julgar a si mesmo. Porque, aquela personalidade ideal que você quer ser, quer se tornar, ela é um indicador precioso da sua verdadeira natureza. Ela representa a sua existência terrestre, simbolizando da maneira mais harmônica possível, no plano terrestre, a sua verdadeira natureza. E este deve ser o critério pelo qual você orienta suas ações na vida, porque aquelas ações que você escolhe, que você acha que são certas, e se você falha você se arrepende — perante quem você está fazendo isso? Um grande perigo é você começar a se arrepender perante a sociedade humana, que é um bando de assassinos e ladrões. Você está se colocando, então, sob julgamento por esta gente, é a turma do mensalão que vai ter julgar, pô. Você não pode fazer uma coisa dessas.

“Ah, é perante Deus!” Mas, peraí, como é que você imagina este Deus? Você imagina Deus como se fosse um juiz que está lá sentado e vai julgar você? Então você está julgando Deus à luz do mensalão, meu filho, Não pode fazer isso! Deus nos infundiu a Sua própria substância, e Ele disse: “vós sois deuses.” Então é esta alma imortal que tem que ser o seu juiz primeiro. É ela que se apresenta diante de Deus — não é você se apresentando diante de um tribunal.

E você tem que lembrar aquele famoso verso do Paul Claudel: “Deus é aquele que, em mim, é mais eu do que eu mesmo”. Então, pegue a sua alma imortal, e dentro dela tem um treco mais imortal ainda — esse aí é Deus. Então, você deve satisfações à sua alma imortal. Como você não pode apreendê-la logo de vez, você a apreende idealmente através da imagem da pessoa que você pretende ser. E daí você tem um critério para você se julgar a si mesmo, e a opinião dos outros, você não liga mais. Porque tem, dentro de você, uma instância, ao mesmo tempo, mais exigente e mais compreensiva para te julgar. Daí você tem um critério para se orientar na vida. Essa imagem que você vai fazer (ela) será necessariamente imperfeita e você terá que corrigi-la muitas vezes ao longo da vida. E para isso é que serve o exercício do necrológio.

Aquela sua apostila “O abandono dos ideais” complementa o

exercício do necrológio?

Alguém está perguntando aqui se a minha apostila *O abandono dos ideais* complementa o negócio do necrológio — Sim, aquilo foi uma versão — primeira e meio tosca — do exercício do necrológio.

Aqui, a Graça Salgueiro pergunta:

Há uns cinco anos um amigo muito querido ia fazer uma cirurgia de câncer e eu estava preocupada porque ele já não era mais tão jovem. Ele me contou qual seria a data e a provável hora e, nesse dia e horário, eu me recolhi para rezar para que tudo corresse bem. Nisso eu adormeci e pouco depois eu o vi numa sala, deitado numa cama, dormindo tranquilamente. Apertei a sua mão como para oferecer-lhe apoio. Na semana seguinte, quando ele já estava em casa, enviei um e-mail relatando a minha experiência e ele confirmou tudo o que eu disse — tais como a cor da sala, dos lençóis, como ele estava deitado, o que havia no quarto, até o cheiro do ambiente eu senti — foi tudo confirmado por ele nos mínimos detalhes.

Então taí, Graça, agora, depois dessa, você não pode mais dizer que você é o seu corpo — agora não tem mais jeito. Você está entendendo? Agora, quantas vezes você pode esquecer isso ou raciocinar como se isto não tivesse acontecido? Preste atenção, porque você ter a experiência é só o começo. Depois você precisa absorver essa experiência. Absorver no que? No seu cérebro material — coitado do seu cérebro! Na medida em que você se conscientiza da sua existência de alma imortal e imaterial, superior ao espaço e tempo, Você vai orientando a sua vida de outra maneira. Mas ninguém consegue ter essa consciência permanentemente, mesmo que você medite o tempo todo. Mesmo aquele pessoal que estava lá com Hugo de São Vitor, ele também tinha que ficar todo dia lembrando aquilo. Daí é o sentido da leitura, da meditação etc.

[E do] exercício que o senhor passou do Lavelle (há umas trinta aulas atrás)?

Sim. O exercício que eu passei com o texto do Lavelle, em que ele fala dos momentos em que a sua vida parece se coerir, quer dizer: tudo começa a fazer sentido. Bom, no dia seguinte você pode esquecer isso aí, e continuar agindo por outros critérios... Mas é importante, como diz ele, recuperar. Recuperar até que você se identifique mesmo com a sua figura ideal que, por sua vez, representa a sua alma imortal.

Veja que todo o nosso conhecimento que nós obtemos no mundo terrestre é muito indireto, é muito longínquo e se perde fácil. Então, quando se perde, bom... de tudo aquilo que foi revelado às gerações

passadas, uma parte se incorporou em doutrinas e normas da Religião. Mas o que nós temos que fazer com essas doutrinas e normas? Seguir à risca? Não; nós temos que entender e revivificar aquilo, para que possamos seguir com verdadeiro coração — e não como se fosse uma camisa-de-força. Porque, senão, aquilo mesmo se torna mais um motivo de alienação.

Quer dizer: o negócio não é seguir materialmente, pelo lado externo — não! É meditar, meditar, pensar, pensar está entendendo?

Quando você lê a Bíblia, lê quinhentas vezes: o que isso quer dizer, o que isso quer dizer? Deus não está exigindo que você entenda tudo, e que você saiba tudo e nem que você faça tudo perfeitinho. Lembre-se que, no Antigo Testamento, varias pessoas foram consideradas “perfeitas” por Deus, não obstante todos os pecados que elas tinham feito. Davi e Salomão são os mais óbvios — o próprio Abraão. Agora, o que eles faziam? Eles pensavam nisso o tempo todo. Eles queriam saber — queriam saber para poder ser, mesmo sabendo que iam falhar mil vezes. Porque eles sabiam que, mais dia, menos dia, iam morrer e, daí, aquela coisa toda ia se abrir para eles, e eles não estavam a fim de levar um susto naquela hora. Quer dizer: preparar-se para a morte — é isso que eles estavam fazendo. E é isso que é importante fazer. Vejam: o seguir a risca leis e normas externas, às vezes é bom para algumas pessoas, mas tudo isso também é ambíguo no ser humano. Às vezes um negócio disciplinar muito duro pode ajudar uma pessoa a subir. E pode levar outra para baixo. Não é garantida nem uma coisa, nem a outra.

Então, aí é o que diz Jesus Cristo, só uma coisa é necessária: é necessário você estar indo na direção do Eterno⁸ sempre. Por mais que você erre. Agora, quando tiramos essa dimensão e queremos, ainda, resolver as coisas e queremos até “viver moralmente”, aí nós estamos lascados mesmo! Porque você começa por apagar a Realidade, 95% da realidade e querer fazer tudo “certinho”! Não dá! A primeira coisa é aceitar a Realidade — não só a realidade desta vida corporal, mas a realidade do conjunto. Portanto, essa abertura para o Eterno é absolutamente necessária, isso é a primeira coisa, é “amar a Deus sobre todas as coisas”. O que é amar a Deus sobre todas as coisas? Amar a Deus é desejá-Lo. Não é isso?

Agora, onde você vai conhecer Deus? Diz-se: ah, está dentro de você. Mas não “dentro” no sentido corporal, meu Deus do céu! Não no sentido espacial! Dentro no sentido de que Deus é a sua substância — é a substância da sua alma eterna. Essa alma eterna não tem outra substância que não Ele. Ele é a nossa identidade! Então, a ascensão é assim: do corporal para a alma imortal, e da alma imortal, aí sim, para Deus. Bom, eu acho que, por hoje, é isso aí.

⁸ Jo 4, 24.

Olavo, Adriano Leite pergunta se você indica ou contra-indica alguma das várias edições das Confissões de Santo Agostinho?

Eu não sei, porque eu li naquela edição das *Great Books*, em inglês. Me parece uma boa tradução. Tem uma outra que está em português, Editora das Américas, antiga, eu nunca li. Eu posso averiguar isso aí, posso tentar averiguar se tem alguma edição que seja muito boa. Mas todas as traduções dos *Great Books* geralmente são boas

Deixa eu fazer uma pergunta sobre o Freud, se nessa tensão entre prazer e medo, no confronto entre o id e o superego, se ele estava indo mais ou menos nessa direção?

Quando ele fala do “princípio do prazer”, do “princípio da realidade” — eu acho que ele começou errado. Porque não existe “princípio do prazer”. O que existe é a realidade, e a realidade é medo e angústia. O prazer é apenas um alívio. Não existe um prazer substantivo: seu prazer é um estado que você experimenta, quando você fez alguma coisa e ela deu certo — inclusive as relações sexuais. Agora, você conhece alguma relação sexual em que o sujeito não tenha medo de falhar? Porque, na hora em que vai buscar o alívio, já entra ali angustiado. E daí, quando a coisa deu certo, ele acha ótimo. Não é isto? Agora, quanto ao *id* e *superego*... bom, algo da estrutura da realidade ele viu. Quer dizer: que existem elementos que são, por assim dizer, ctônicos⁹, que vêm de baixo, e tem uma outra exigência que vem por cima. Mas ele não pode esquecer que essas duas são materiais, e essas duas vêm, uma da natureza física e outra da sociedade humana. Portanto, você está totalmente fora do mundo da espiritualidade. E eu acho que, se você não tem a visão da alma imortal, você está condenado a ficar entre um *id* — que te exige certas coisas — e um *superego* — que te proíbe essas mesmas coisas.

Mas, isso aí são problemas freudianos. E eu acho que só tem um determinado tipo de pessoas que tem problemas freudianos. Mas são pessoas que já se fecharam num mundo material e cultural — e não tem mais nada para eles. Então, toda a obra do Freud é uma especulação em torno de fatores meramente terrestres. Eu não acredito que ele jamais pudesse ter ido além disso. O que não quer dizer que essas coisas que ele diz não existem — existem, para certas pessoas a vida é isso: é uma briga entre o *id* e o *superego*, e o *ego* tentando se arrumar ali no meio. Não é isso?

Agora, quando você imagina um sujeito cristão cuja estrutura de vida seja a do Freud — *id*, *ego* e *superego*. É horrível! Porque daí o *superego* [dele] é toda a Igreja Católica, os dogmas etc. — ih, tá lascado! Daí ele se revolta contra isso, naturalmente! Se revolta e daí ele tenta ir para o movimento gay.

⁹ Ctônico: do grego *χθονιος* (*khthonios*), “relativo à terra”, “terreno”

O movimento *gay* — o sonho dele — é criar a sua própria inquisição. É ele criar um *superego* eclesiástico mais opressivo ainda do que o da Inquisição. O que significa que eles estão inteiramente presos dentro disso. Porque — eu me pergunto: por que o sujeito não pode se conformar em ser um pecador como todo mundo? Como eu, por exemplo? Por que eles querem ser algo mais? Eles querem ter [nas suas mãos] a autoridade de determinar o bem e o mal! Agora, o que ninguém vai me dizer é o seguinte: é como o homossexualismo é antinatural ou que é doente. Não é nem antinatural, nem doente. Ele é inteiramente natural. A prova é a de que ele existe em toda a natureza, as espécies animais todas o fazem. Então, é uma busca de alívio de uma tensão física que qualquer cachorro tem.

Agora, é inadequado à estrutura humana, à natureza humana. Não à natureza terrestre. Como a ciência médica desconhece a verdadeira estrutura humana, então ela não tem autoridade nenhuma para dizer que o negócio é doente. E, aliás, a alegação de que é uma doença veio, no século XIX, até com a finalidade de justificar a conduta. Você está entendendo? Quer dizer: deixou de ser um pecado para ser apenas uma doença. Não é isso?

Agora, a coisa se transforma num bicho de sete cabeças por ser um pecado que atrai um castigo social freqüentemente desproporcional. O horror que várias sociedades tiveram ao homossexualismo, eu acho desproporcional. Porque, na verdade, é assim: é um pecado como qualquer outro.

Agora, que houvesse a aprovação social, eu li recentemente o livro do Randy Engel — eu acho o melhor estudo que existe sobre isso — que se chama *The rite of sodomy — O rito da sodomia* — um livro de mil páginas.¹⁰ Ele mostra ali que nunca houve uma sociedade que aprovasse integralmente o homossexualismo. Nunca, nenhuma. Inclusive a dos famosos gregos, de Atenas — era uma coisa tolerada em certas circunstâncias muito específicas. Mas jamais recomendada e jamais louvada. E, em muitas circunstâncias, era ilegal. Então você não tem nenhuma — eu digo, bom, (isso aí é uma coisa que), se acompanha todas as sociedades humanas, então, evidentemente, é um fator terrestre permanente.

Quer dizer: a ordem social se irrita com aquela conduta desviante. Eu digo, bom, mas aí é uma coisa material brigando com outra coisa material. Não é isso? E daí a coisa vira um fetiche, evidentemente. E eu acho muito perigoso você criar um terror pânico em torno de certos pecados específicos.

Bom, então eu acho que o negócio é esse. (...) Tá tudo bem, por hoje é só. Até semana que vem e muito obrigado.

¹⁰ *The Rite of Sodomy: Homosexuality and the Roman Catholic Church*. New Engel Publishing, 2006, 1318 pages.

Transcrição realizada por: Athos Barbosa Lima
Revisão realizada por: Ronald Pacheco Pinheiro